

[ILUSTRADO]

ÁRVORES DE CURITIBA

Francisco Cardoso

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana 



ÁRVORES DE CURITIBA

Francisco Cardoso

[[]]
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana 


PUBLISHER EDITORA



Copyright © 2024 para A. R. Publisher Editora

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização, por escrito, da editora. Todos os direitos reservados desta edição 2024 para a editora.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Angela Ramalho

Editora Chefe

Carlos Alexandre Venancio

Revisão

Manuela Sanchez

Preparação dos arquivos e capa

Eliane Arruda

Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

B117a Cardoso, Francisco.
Árvores de Curitiba / Francisco Cardoso; Fotografias de Zig Koch. – 1. ed. – Maringá, PR : A. R. Publisher Editora, 2024.
104 p.; gráfs.; fotografias; 14 x 21 cm. Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5422-086-6 (impresso)
ISBN 978-65-5422-099-6 (e-book)
1. Botânica. 2. Flora. 3. Meio ambiente. 4. Curitiba. I. Título. II. Assunto. III. Autor.

CDD 778.582.16
CDU 77:582

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Fotografia de assuntos específicos; Árvores.
2. Fotografia; Árvores.

ÁRVORES DE CURITIBA

Francisco Cardoso





Árvores de Curitiba

Pesquisa, texto e edição

Francisco Cardoso

Fotografias

Zig Koch

Consultoria técnica

Carlos Vellozo Roderjan

Murilo Lacerda Barddal

Projeto gráfico

Cóbi Carvalho

Índice

Introdução	7
Importância da árvore	8
A árvore mística	10
Como funciona	12
Exemplo que vem de cima	13
Sementes	14
Curiosidades gerais	15
Um pouco de história	17

Árvores nativas

Araucária	20
Cedro	22
Imbuia	23
Ipê-amarelo	24
Bracatinga	26
Pitangueira	27
Sassafrás	28
Cambará	30
Butiazeiro	30
Aroeira	31
Erva-mate	32
Chuva-de-ouro	34
Caatingá	35
Jerivá	36
Corticeira	38
Guabirobeira	39
Dedaleiro	40
Branquilha	40
Tarumã	41
Quaresmeira	42
Pinho-bravo	43
Araçazeiro	44
Pata-de-vaca	44
Juvevê	45

Árvores exóticas

Chorão	47
Canafistula	47
Paineira	48
Ácer	49

Monjoleiro e angico-vermelho	49
Ipê-roxo	50
Pinheiro-australiano	51
Jacarandá	52
Sibipiruna	52
Guapuruvu	54
Grevilha	54
Magnólia	55
Tipuana	56
Extremosa	57
Cinamomo	58
Pau-ferro	59
Plátano	60
Pau-brasil	61
Timbaúva	62
Alamo	62
Alfeneiro	63
Pinus	64
Cerejeira	64
Eucalipto	65
Tamareira	66
Uva-do-japão	66
Carvalho-europeu	67
Carvalho-da-cortiça	67
Castanha-portuguesa	68
Palmiteiro	68
Cipreste	69
Árvores e ruas	70
Árvores do passado	73
Árvores e praças	74
Árvores e parques	80
Curiosidades de Curitiba	82
As protegidas pela lei	84
As recordistas da cidade	87
Pragas	88
Árvores de outro mundo	89
Onde obter sua muda	90

Tem gente que acha estranho falar em árvores. Uns cortam... o assunto, outros descem o pau. Mas tem quem se empolgue e vá fundo. Ou os que viram bicho, tentando defendê-las.

Em vez de botar lenha na fogueira, este livro tenta apenas chamar a atenção para as árvores e, talvez, livrá-las de preconceitos fortemente enraizados. Quem sabe se um pouco melhor observadas, elas passem a ser bem-vistas?

Provavelmente, você lembra o nome dos seus vizinhos, do cachorro e até daquele brotinho. Mas já foi apresentado à árvore da esquina ou na frente de casa? E àquela lindona, no caminho da escola?

Bem ao seu lado, ou mesmo dentro do seu estômago, deve haver algo que saiu de uma árvore. Nos pulmões, por exemplo. A vida de cada um de nós está entrelaçada à delas. A própria história de Curitiba teria sido diferente conforme as árvores que aqui deram o ar da sua graça.

Ou seja, dependemos pacas delas. Até para tirar carteira de motorista é preciso desenhar uma. Fazem parte do inconsciente humano. Um provérbio chinês diz que as coisas belas que vemos pertencem a todo mundo. Só que, às vezes, esquecemos de olhar para elas.

Curitiba tem árvores simplesmente majestosas, cheias de histórias, raridades e personalidades vegetais que ficaram na saudade. Vale a pena conhecer a imbuía de uns mil anos, as tamareiras exóticas, as futuras grandes sequóias, a paineira ilustre, jacarandás, magnólias, típuanas, ipês, carvalhos, a oliveira, o venerável ginkgo, os emblemáticos pinheiros.

As árvores da cidade são patrimônio vivo de cada habitante, principalmente dos mais jovens, que vão desfrutar mais tempo de sua companhia -ou ausência.

Respire fundo e bom passeio.

Importância da árvore

Frase no Horto da Barreirinha:

*Para cada mil homens dedicados a cortar as folhas do mal,
há apenas um cortando as raízes.*

HENRY DAVID THOREAU, FILÓSOFO E NATURALISTA (1817-1862).

O ser vivo mais antigo no mundo é uma árvore. Desde que o homem começou a macaquear pelo planeta, elas quebraram o galho de todos, sem distinção. E nunca arredaram pé desse relacionamento desequilibrado. Tanto que, algumas décadas atrás, era difícil encontrar alguém que não soubesse o nome das plantas, aves e animais. Hoje, é raro achar quem saiba.

O homem, que depende das árvores até para respirar, não as vê como amigas do peito. Considera-se superior a essas grandes companheiras, que evoluíram centenas de milhões de anos antes do mais tosco primata engatinhar, e ainda participam, pau a pau, de sua tortuosa jornada. Quem não nasceu em berço de ouro teve um de madeira, e ao lado dela estará até o fim dos dias.

Enquanto isso, há muito a aprender com as árvores. Em sua sapiência, onde houver menos água, elas lutarão muito mais contra a seca do que contra as outras e a maioria vai abandonar suas folhas para sobreviver à escassez. Com elas, aprendemos a dimensão do tempo. A vida que circula nas árvores inspira às sociedades ideais mais elevados.

Da primeira fogueira a esse papel em suas mãos, da Arca de Noé às últimas descobertas da ciência. Das cartas, às partituras e obras literárias, mapas, projetos, casas, pontes, navios, produtos químicos e remédios. Quem não deve nada às árvores, que atire a última flor.

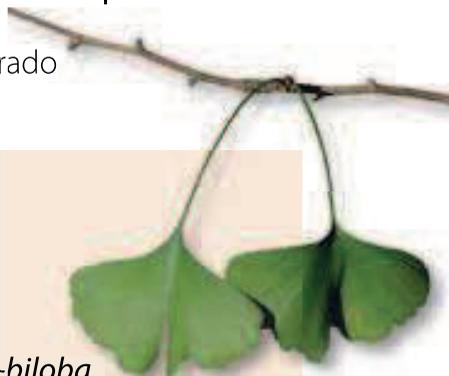
A maioria dos nomes foram tirados delas. O Brasil era conhecido como Pindorama -terra das palmeiras- antes de ser chamado assim, devido à sua principal riqueza na ocasião. Há milhares de cidades com denominação de árvores ou a elas relacionadas. Nosso país tem a flora arbórea mais diversificada do mundo, com mais de 3 mil espécies estudadas e um bom tanto desconhecidas ou já desaparecidas. A riqueza das árvores motivou guerras, acelerou o povoamento do litoral brasileiro e, a pau e pedra, continua gerando mobilizações.

Enfim, ninguém imagina um lugar paradisíaco sem árvores. Elas mantiveram silêncio quando, provavelmente, à luz da fogueira, comendo seus

frutos, o homem primitivo olhou as estrelas, empunhou seu porrete e começou a se achar o máximo. Pensou que viveria sem as florestas e, à medida que foram derrubadas, deixou-as cair no esquecimento. Agora, começa a cair em si.

Calculam-se cerca de 300 mil árvores nas ruas e praças de Curitiba, descontados os parques e quintais. Devem pertencer a, no máximo, 200 espécies, das quais em torno de 100 seriam nativas da floresta com araucária. O Paraná contabiliza umas 900 espécies nativas. Em geral, quem vive nas cidades quase não vê árvores, conhece muito poucas e sabe o nome de menos ainda.

Nas próximas folhas, você vai encontrar informações variadas sobre árvores, algumas das principais espécies encontradas na cidade e dicas para identificá-las. Nem sempre é fácil reconhecer uma árvore e até especialistas trocam os pés pelas mãos. Mas também não é tão difícil. Afinal, nada mais justo, já que ninguém gosta de ser ignorado ou ter seu nome trocado, não é?



Ginkgo-biloba.

Para os orientais, ele é sagrado. Muitos o consideram um fóssil vivo, a árvore mais antiga que existe.

Em 1815, Goethe popularizou o ginkgo num poema em que se pergunta se sua peculiar folha seria uma que se dividiu ou duas que se uniram. Este ginkgo, ao lado, foi fotografado na continuação da avenida N. Sra de Lourdes, esquina com a rua Burity (Centenário), onde existe uma plantação de alcachofras. No Jardim Botânico há outro, do lado direito da entrada para a Administração. E alguns recentemente plantados no estacionamento do campus Jardim Botânico da UFPR. É mais facilmente encontrado nas residências, em Curitiba.

A árvore mística

Cinza, meu amigo, é toda teoria e verde é a árvore dourada da vida.

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE, (1749-1832) - "FAUSTO".

Pode soar esquisito hoje, mas as árvores já foram deuses. Gente muito boa se ajoelhou aos seus pés, quando eram veneradas pelos nossos ancestrais, nos quatro cantos da Terra. Ao longo dos milênios, elas inspiraram lindas lendas e cerimônias tribais na vida dos mais diversos povos. Essa simbologia ainda se perpetua em inúmeros rituais.

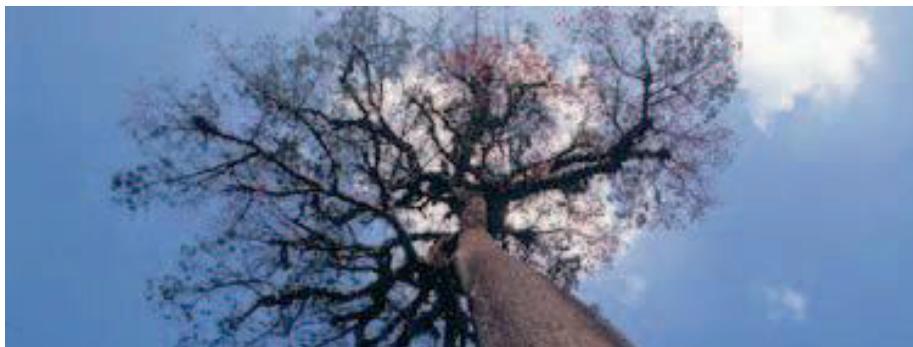
Além do tamanho, o que ajudou a impor tanto respeito foi sua longevidade. Muitas árvores assistiram à ascensão e ao declínio de um punhado de civilizações, sempre revivendo nos homens o eterno sonho da imortalidade. Como suas folhas caem no inverno e nascem de novo na primavera, a árvore se tornou símbolo da vida e da morte. Provavelmente, o mais antigo da humanidade.

Ainda por cima, ela se parece com o ser humano em certos pontos: tem porte ereto, é percorrida por um duplo sistema de vasos ramificados, respira, transpira e se alimenta. É mulher e mãe, porque sai da terra e dá frutos, transmitindo energia vital. Certas tribos da Coreia, Japão e Filipinas acreditavam que os homens nasceram de árvores. E africanas, como os bosquímanos e damaras, julgavam descender das árvores que adoravam -e não se tratava da árvore genealógica.

Um dos mitos mais remotos, de cerca de 4.000 aC., é o da Árvore Cósmica, que floresceu em várias culturas. Ela se ergue no centro do universo e mergulha as raízes nas trevas, enquanto seu tronco atravessa a terra e os galhos atingem o céu. Ao tocar as trevas, terra e céu, representaria a morada dos mortos, dos mortais e dos deuses, respectivamente.

Batendo três vezes na madeira ou não, cada povo cultuava uma árvore: os hebreus e druidas, o carvalho; os árabes, a acácia; os assírios, a palmeira; os hindus, a figueira. Até as divindades eram associadas a elas: Zeus, o carvalho, de novo; Atenas, a oliveira; Hércules, o álamo. Os celtas representaram cada um dos treze meses do seu calendário por uma árvore.

Os romanos adoravam semear histórias de metamorfoses de homens em árvores, que consideravam locais de encontro após a morte. Como outros povos, juravam ouvir o grito das criaturas que nelas moravam, ao serem derrubadas. A vida das ninfas hamadriades começava e terminava junto com a



das árvores a que estavam ligadas. Em algumas regiões da Europa ainda vinga o costume de se plantar uma árvore para cada filho que nasce e prever seu futuro, conforme ela crescer.

Tem mais. O tirano Xerxes, da antiga Pérsia, gostava tanto de um plátano, que o encheu de colares e braceletes de ouro, atentamente vigiados por milhares de soldados. Os habitantes da floresta de Dodona, na Grécia, viviam tentando interpretar o farfalhar das folhas de um carvalho. Foi debaixo de uma figueira sagrada que Buda atingiu a iluminação.

Sem falar na macieira de Adão e Eva, no alvorecer da religião católica, ou na cruz de Cristo, que se ligava à Árvore da Sabedoria, no paraíso. A própria árvore de Natal, seria mais uma descendente da vetusta Árvore Cósmica.

Para quem vive perto delas, as árvores ainda são encantadas. Cada mata da ilha do Mel tinha uma Árvore do Curupira, que zelava pelas outras. Era a mais alta de todas e sabia distinguir os homens bons dos maus. Fugia dos machados e até mudava de lugar, deixando formigas venenosas em troca. Quando a canoa nova do pescador dá sorte e fartura, foi feita com a Árvore do Curupira, que protege as pessoas legais.

Na mitologia dos índios tupis, o curupira é o guardião da floresta. Os ticunas, da Amazônia, contam que o rio Solimões nasceu do tronco de uma samaumeira e seus galhos viraram riachos e igarapés. Os parecis acreditam que surgiram da figura de madeira esculpida por Enorê, o Ente Supremo. E, na maioria das tribos, o pajé evoca o espírito das árvores para curar os doentes.

Aparentemente sem pé nem cabeça, a crença arraigada entre muitos povos sul-americanos, no fundo pode ser uma profecia: as árvores serviriam de suporte para o céu, impedindo que ele caia. Se forem cortadas, sai de baixo!

Como funciona

*Fazer poema lá na vila é um brinquedo.
Ao som do samba dança até o arvoredo.*

NOEL ROSA – “PALPITE INFELIZ”.

Arvoredo é um pequeno grupo de árvores. Se for grande, pode ser um bosque, selva, mata, floresta. Se estiver num campo e for mais ou menos redondo, é chamado de capão. E, caso tenha sido cultivado com fins científicos ou educacionais, atende pelo nome de arboreto, horto ou jardim botânico.

E árvore, o que é?

Os religiosos a consideram origem de toda a vida, os sociólogos, membros de uma comunidade perfeita e os ambiciosos, uma fonte de riqueza sem fim. Para os pesquisadores, é um ser de vida longa, altura elevada e caule lenhoso, que se ergue para o céu em direção à luz.

Só que nem todas as árvores vivem muito e existem espécies anãs, de poucos centímetros de altura. Conforme alguns estudiosos, as com menos de 5m, em geral são arbustos. Não importa. Todas são silenciosas fábricas biológicas que captam água, sais minerais e gás carbônico e transformam em substâncias nutritivas e oxigênio para todos.

Feito tentáculos subterrâneos, suas raízes se estendem e se subdividem em busca de água e componentes orgânicos do solo. Nem sempre vão fundo, na maioria das vezes crescem para os lados, formando uma rede que, em muitos casos, atinge uma área maior que a da copa.

Por outro lado, as folhas servem para produzir substâncias nutritivas a partir da água e gás carbônico, usando energia solar, na fotossíntese. É pelas folhas que a planta respira e transpira.

A seiva é como nosso sangue, mas desprovido de coração para bombear. Distribui-se por toda a planta em vasos de diferentes calibres, onde circula sob tensão. Tem mão-dupla: uma sobe e outra desce, o tempo inteiro, a grandes pressões, capazes de levá-la, por exemplo, ao topo de árvores com mais de 100m de altura.

Grossa ou não, a casca funciona como uma espécie de ar-condicionado que isola a árvore das mudanças de temperatura e regula a entrada e saída de gases. É também um escudo natural contra bactérias, insetos, cogumelos e outras ameaças. De quebra, ainda impede que toda a água que circula na camada mais externa do tronco evapore. Bem bolado, não é?

Exemplo que vem de cima

Há quem passe pelo bosque e só veja lenha para fogueira.

LEON TOLSTOI, ESCRITOR RUSSO (1828-1910).

Faz muito tempo que filósofos e pensadores imaginam uma sociedade ideal, onde ninguém se aproveite do outro e todos sempre tenham o que for preciso. Na maioria das vezes, essa comunidade harmônica e justa, considerada verdadeira utopia, poderia se espelhar na vida em torno das árvores.

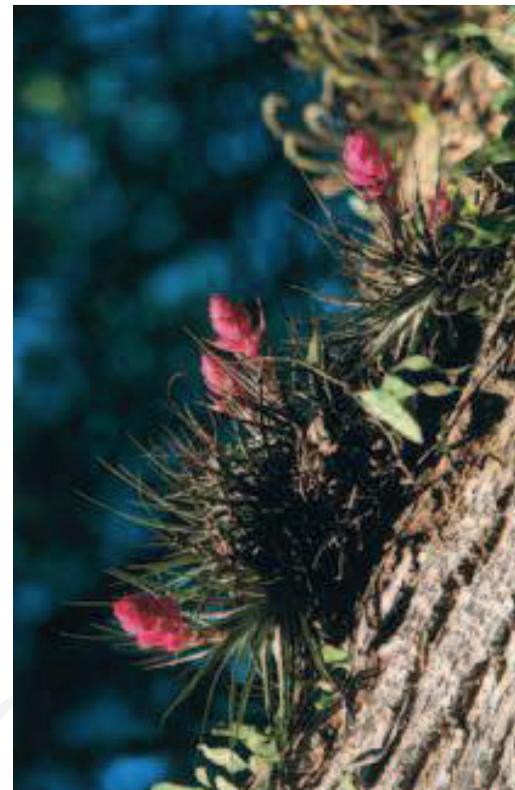
Pouca gente se toca que cada árvore é um universo habitado, e às pencas, por seres vivos de todos os tipos e tamanhos. Parecem procurar simplesmente alimento, proteção ou suporte. Mas, na verdade, fazem muito mais coisas, em benefício de si e de todos. Desde as criaturas microscópicas até aquelas mais entroncadas, sem esse equilíbrio, altamente sensível, suas vidas e as nossas iriam por terra.

Nos tenros ramos de uma árvore adulta, milhares de lagartas, pulgões e besouros se fartam de brotos e ali deixam suas larvas, sem a menor cerimônia. A copa é um livre campo de caça, atraindo esquadrões barulhentos de aves famintas. Às voltas com frutos e insetos, dezenas de espécies de pássaros convivem sossegados, em diferentes alturas. Um fazem ninhos nos galhos, outras em buracos no tronco.

A qualquer momento, desse mato podem sair coelhos, macacos, preguiças ou esquilos atrás de frutos e espalhando sementes. As minhocas arejam a terra com seus túneis e, ao carregar folhas para o subsolo, levam os nutrientes até as raízes. A casca é um prato cheio para plantas inofensivas, como musgos, líquens, samambaias, orquídeas e bromélias, que fazem dos troncos e galhos um ombro amigo.

Cada um à sua maneira, essa galera vai deixar a árvore mais para cima ainda: facilitam a decomposição das folhas no chão, enriquecem o húmus com seus excrementos e restos e ajudam na multiplicação dos microorganismos que geram nutrientes. Ou seja: fazem do solo um verdadeiro fortificante. Para todo mundo.

**Bromélia (*Tillandsia stricta*):
relação saudável com a árvore**



Sementes

As árvores não andam. Mas também não ficam paradas. Seu crescimento é prova disso, as raízes se afundam no solo e os ramos seguem em direção à luz. Algumas espécies chegam a desenvolver órgãos de fixação, chamados de gavinhas, que parecem pequenas molas.



Guapuruvu



Timbaúva

Como não podem sair por aí para encontrar seu par, as árvores folhosas desenvolveram formosas formas de se multiplicar: as flores. Elas produzem grãos de pólen, que passarinhos, insetos, o vento e a água acabam levando das flores masculinas para as femininas, fecundando-as.

Nas chamadas hermafroditas acontece o mesmo, porém o trabalho é menor, já que a mesma árvore dá flores dos dois sexos. Nos três casos, cada flor feminina tem um ovário que, depois da fecundação, vai gerar um fruto justamente no lugar de onde as pétalas caíram.



Dedaleiro



Canafistula

Com as árvores coníferas (que nunca florescem) não é muito diferente. Em vez de flores, elas produzem “estróbilos” masculinos e femininos e quem vai transportar o pólen é o vento. Destituídas de ovários, formam pinhas no lugar dos frutos. Dentro das pinhas estão os pinhões, que são suas verdadeiras sementes.



Imbuia

Além disso, nem todo fruto é fruta. Fruto é o involúcro carnudo da semente. Pode vir em forma de fruta, vagem, noz, baga, etc., nem sempre comestíveis para nós. Sua função é atrair pássaros e animais que os devorem, para depois largar as sementes por todo lugar já adubadas, nos seus excrementos.



Ácer

Os frutos cativam aves, insetos, humanos e animais, mas para as árvores o que interessa são as sementes. Tanto que algumas produzem milhões delas. A maioria é engolida por pássaros e animais, morta por doenças ou simplesmente apodrecherà. Outras, não...



Sassafrás



Pinheiro-bravo



Cedro



Aroeira



Angico

Curiosidades gerais

Para dar uma idéia do que as árvores são capazes, aí vão alguns casos colhidos ao acaso. Como sempre, existe um pouco de papo de lenhador em situações de tal natureza. Por isso, não leve ao pé da letra esses números. Valem a pena para imaginarmos até onde elas podem chegar:

-  A árvore mais velha do mundo é um pinheiro-espinhoso (*Pinus aristata*) de 4.900 anos, que repousa na Serra Nevada, EUA, e tem 12m de altura.
-  Acredita-se que, um eucalipto da Austrália, com 132m de altura, seja a árvore mais alta que existe.
-  A árvore mais velha do Brasil é um jequitibá-rosa (*Cariniana legalis*), do Parque Estadual de Vassununga, Santa Rita do Passa-Quatro, SP, com cerca de 3.020 anos e 39m de altura. Para abraçá-la, são precisos 10 homens.
-  A árvore mais grossa do planeta é o El Gigante, um cipreste (*Taxodium mucronatum*), que cresce em Santa Maria del Tule, no México, e tem 35m de circunferência e 42m de altura.
-  As raízes mais profundas conhecidas são de uma figueira-brava, da África do Sul, que perfurou 100m abaixo da superfície.
-  Talvez algumas candidatas a miss não saibam, mas a lenda diz que foi um baobá brasileiro que inspirou Antoine de Saint-Exupéry a escrever "O Pequeno Príncipe".
-  Uma sumaumeira da casa cubana do escritor Ernest Hemingway ficou famosa pelas raízes, que ergueram o piso do terraço, quebraram as paredes e entraram sem a menor cerimônia. Mas ele gostava tanto dela que a deixou crescer em paz.
-  Contam que certa vez um prefeito de Florianópolis mandou serrar dois galhos da tradicional figueira tricentenária que atrapalhavam o caminho, na praça principal. Nem bem serrado o primeiro galho, populares investiram contra o jardineiro e durante três dias o prefeito precisou de proteção policial.
-  A maior folha do reino vegetal tem 20m de comprimento e é de uma palmeira da ilha de Madagascar.

Sementes

As árvores não andam. Mas também não ficam paradas. Seu crescimento é prova disso, as raízes se afundam no solo e os ramos seguem em direção à luz. Algumas espécies chegam a desenvolver órgãos de fixação, chamados de gavinhas, que parecem pequenas molas.



Guapuruvu



Timbaúva

Como não podem sair por aí para encontrar seu par, as árvores folhosas desenvolveram formosas formas de se multiplicar: as flores. Elas produzem grãos de pólen, que passarinhos, insetos, o vento e a água acabam levando das flores masculinas para as femininas, fecundando-as.

Nas chamadas hermafroditas acontece o mesmo, porém o trabalho é menor, já que a mesma árvore dá flores dos dois sexos. Nos três casos, cada flor feminina tem um ovário que, depois da fecundação, vai gerar um fruto justamente no lugar de onde as pétalas caíram.



Dedaleiro



Canafístula

Com as árvores coníferas (que nunca florescem) não é muito diferente. Em vez de flores, elas produzem "estróbilos" masculinos e femininos e quem vai transportar o pólen é o vento. Destituídas de ovários, formam pinhas no lugar dos frutos. Dentro das pinhas estão os pinhões, que são suas verdadeiras sementes.



Imbuia

Além disso, nem todo fruto é fruta. Fruto é o involúcro carnudo da semente. Pode vir em forma de fruta, vagem, noz, baga, etc., nem sempre comestíveis para nós. Sua função é atrair pássaros e animais que os devorem, para depois largar as sementes por todo lugar já adubadas, nos seus excrementos.



Ácer

Os frutos cativam aves, insetos, humanos e animais, mas para as árvores o que interessa são as sementes. Tanto que algumas produzem milhões delas. A maioria é engolida por pássaros e animais, morta por doenças ou simplesmente apodrecerá. Outras, não...



Sassafrás



Pinheiro-bravo



Cedro



Aroeira



Angico

Curiosidades gerais

Para dar uma idéia do que as árvores são capazes, aí vão alguns casos colhidos ao acaso. Como sempre, existe um pouco de papo de lenhador em situações de tal natureza. Por isso, não leve ao pé da letra esses números. Valem a pena para imaginarmos até onde elas podem chegar:

-  A árvore mais velha do mundo é um pinheiro-espinhoso (*Pinus aristata*) de 4.900 anos, que repousa na Serra Nevada, EUA, e tem 12m de altura.
-  Acredita-se que, um eucalipto da Austrália, com 132m de altura, seja a árvore mais alta que existe.
-  A árvore mais velha do Brasil é um jequitibá-rosa (*Cariniana legalis*), do Parque Estadual de Vassununga, Santa Rita do Passa-Quatro, SP, com cerca de 3.020 anos e 39m de altura. Para abraçá-la, são precisos 10 homens.
-  A árvore mais grossa do planeta é o El Gigante, um cipreste (*Taxodium mucronatum*), que cresce em Santa Maria del Tule, no México, e tem 35m de circunferência e 42m de altura.
-  As raízes mais profundas conhecidas são de uma figueira-brava, da África do Sul, que perfurou 100m abaixo da superfície.
-  Talvez algumas candidatas a miss não saibam, mas a lenda diz que foi um baobá brasileiro que inspirou Antoine de Saint-Exupéry a escrever "O Pequeno Príncipe".
-  Uma sumaumeira da casa cubana do escritor Ernest Hemingway ficou famosa pelas raízes, que ergueram o piso do terraço, quebraram as paredes e entraram sem a menor cerimônia. Mas ele gostava tanto dela que a deixou crescer em paz.
-  Contam que certa vez um prefeito de Florianópolis mandou serrar dois galhos da tradicional figueira tricentenária que atrapalhavam o caminho, na praça principal. Nem bem serrado o primeiro galho, populares investiram contra o jardineiro e durante três dias o prefeito precisou de proteção policial.
-  A maior folha do reino vegetal tem 20m de comprimento e é de uma palmeira da ilha de Madagascar.

-  A maior semente conhecida pertence ao coco-do-mar, que pesa mais de 20kg e vegeta nas ilhas Seychelles, no Oceano Índico. Como se divide em dois, também é chamado de coco-duplo.
-  Somente de palmeiras, existem cerca de 3 mil espécies espalhadas pelos países tropicais.
-  No sul da Bahia foi encontrada a maior biodiversidade de plantas do planeta, com 450 espécies diferentes de árvores em um único hectare.
-  A madeira da tocha olímpica que corre o mundo é de oliveira, e o formato inspirado nas suas folhas. Na Grécia antiga ela servia de medalha para os campeões. Nas cerimônias olímpicas, quem interpreta a sacerdotisa pede proteção a Apolo com um ramo de oliveira na mão.
-  Ao descobrir que o sofisticado perfume Chanel nº 5 contém óleo de pau-rosa, madeira da Amazônia, ameaçada de extinção, os franceses ameaçaram boicotá-lo. Para continuar a produção o fabricante teve de se comprometer a desenvolver plantações próprias.
-  Cerca de 40% dos elementos químicos utilizados pela medicina nos EUA vêm das florestas tropicais. E existem inúmeras substâncias químicas ainda não descobertas.
-  O topo das árvores é um dos lugares menos conhecidos pelos cientistas. As alturas variam de 65m, na Amazônia, a 90m, nos EUA. Estima-se que 40% das espécies existentes vivam nesses locais sem nunca descer ao solo. Entre elas, vários tipos de insetos, macacos e uma infinidade de aves. Uma única árvore, no Peru, abrigava 40 tipos diferentes de formigas.
-  O Bosque dos Visitantes, na Usina de Itaipu, tem árvores plantadas por monarcas e estadistas do mundo inteiro, políticos brasileiros e personalidades em geral, como o cineasta Francis Ford Coppola (pau-brasil), o cartunista Ziraldo (pau-marfim), o duque de Kent e o chanceler Helmut Kohl, ambos com ipês-roxos. Já o primeiro-ministro inglês Tony Blair, teve um ipê-amarelo plantado em sua homenagem.

Um pouco de história

Antes de ser Curitiba, essa terra era coberta por campos, capões e, ao longo dos rios, as matas de galerias. Caingangues e tinguis caçavam, corriam e dançavam sob a sombra das araucárias, imbuías, cedros, bracatingas e sassafráses. Até que, em meados de 1600, alguns portugueses, em busca de ouro, fincaram pé no alto do Atuba, junto aos tinguis.

Religiosos, esses exploradores notaram que a imagem de sua padroeira, Nossa Senhora da Luz, amanhecia sempre voltada para a mesma direção. Certo dia, com os tinguis, desceram a colina, no rumo apontado. Era a terra dos caingangues, que os receberam sem violência, na atual praça Tiradentes. Ali, a vara fincada pelo cacique Tindiqüera, indicando o local da futura vila, teria brotado e -mais ainda- florescido, na primavera seguinte.

Há mais controvérsias sobre a fundação da cidade. Para muitos, *cury-tim*, que significa “vamos embora”, seria a origem do nome, com a debandada dos caingangues. Outros defendem que *coré-tuba* é “bastante pinhão”. De qualquer forma, a povoação começou por ali e, logo, os primeiros moradores estavam derrubando árvores e limpando terrenos para construir casas, plantar alguma coisa e criar gado.

O ouro acabou e as clareiras continuaram. Em 1721, o ouvidor Pardinho delimitou áreas para o corte de árvores e determinou que os moradores limpassem o Ribeiro (rio Belém), para diminuir o banhado próximo à igreja Matriz, atual Catedral. Durante séculos a cidade iria sofrer com alagamentos. Antes disso, nada como dar uns saltos no tempo:

Houve uma época em que os curitibanos eram chamados de sapos. Devido às inundações freqüentes e aos inúmeros banhados, no século 19 a cidade teve o apelido de Sapolândia. Os rios Ivo e Belém não corriam muito longe da praça Tiradentes: quem anda pela rua das Flores, Marechal Deodoro e praça Zacarias, entre outras, hoje atravessa trechos canalizados do rio Ivo, que vai dar as caras sob os chorões, na rua Fernando Moreira.

Na praça Zacarias, então chamada Largo da Ponte, os chorões também beiravam o rio Ivo e na Generoso Marques se estendia um enorme charco que, por volta de 1870, impedia o prolongamento da rua XV. A inauguração do Passeio Público, em 1886, foi uma saudável idéia para eliminar o pântano pestilento formado pelos detritos que já envenenavam o rio Belém. Hoje, algumas das maiores árvores da cidade sobrevivem naquele local.

A mulher voadora

Em 1887, os plátanos e jacarandás do Passeio viram se acender a primeira lâmpada elétrica da cidade e, em 1909, a intrépida aeronauta Maria

Aida levantar vôo num balão que acabou pendurado nas torres da Catedral. Dois anos mais tarde, na Ilha da Ilusão*, os escritores simbolistas -que adotaram o sapo como emblema- laureavam o poeta Emiliano Pernetá, justamente desmistificado pelo jovem Dalton Trevisan nos anos 40.

Bem antes disso, o cel. Pereira Junior, comandante do 3º Regimento de Artilharia protagonizou talvez a primeira tentativa de arborização na cidade, convocando presidiários vigiados para capinar passeios que convergiam para o centro da praça Tiradentes e plantar árvores, criando pequenas alamedas. A obra levou o apelido de “caranguejo”, logo deixado para trás, e teria acontecido em 1885, segundo conta o cel. Themístocles S. Brasil, se não falhasse a memória, pois, em 1870, as árvores já apareciam com estacas nos canteiros da praça.

O respeitado estudioso Auguste de Saint-Hilaire notou pessegueiros, macieiras, pereiras e outras árvores européias nos quintais de Curitiba, em vez de mamoeiros, bananeiras e cafeeiros. E achou laranjas muito ácidas. Outro visitante ilustre foi o imperador D. Pedro II que, em 1880, esteve na estufa do Barão de Capanema, atual Jardim Botânico, onde eram cultivadas plantas nativas e exóticas sistematicamente com, por exemplo, 140 variedades de pêras e 40 de maçãs.

Enquanto isso, apesar de dizerem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, a Matriz foi atingida em 1825 e 1852, sendo que a última descarga abalou uma parede e despedaçou o cruzeiro. A queda de pedaços de reboco durante uma missa e o mau-cheiro causado pelo costume de se enterrarem os defuntos nos muros da igreja, prestes a ser interditada, levaram à sua demolição e à construção da Catedral, inaugurada em 1893.

Bosques em leilão

Em 1900, depois de muito se andar pela rua Aquidabã (Emiliano Pernetá) chegava-se a um lugar recém-chamado de Batel, onde havia um frondoso bosque de pinheiros e um hotel. Em 1938, o sanitarista Dirceu de Lacerda, que achava os plátanos horripilantes, protestava: “O pitoresco bosque da Providencia, no arrabalde do Batel, está sendo retalhado e vendido em lotes...Enquanto os francêses se orgulham de seu famoso Bois de Bologne, nossos bosques são vendidos em leilão. É lamentável”.

Para suprir as necessidades energéticas da cidade, em 1901 foi inaugurada a usina termoelétrica do Capanema (na atual estação Rodoferroviária), que durante 38 anos consumiu milhões de metros cúbicos de madeira em suas fornalhas. Indiferente ao fato, em 1927 a personagem conhecida como Maria Balão costumava tomar banho nua no chafariz da praça

* Onde poetas costumavam se reunir. Fica em frente ao Aquário, com acesso pela ponte pênsil.

Osório, diante das palmeiras jerivás e da sociedade chocada.

“As ruas de Curitiba, largas e direitas, obedecem a um plano de extensão já estudado e planejado. As ruas largas teem arborisação bem cuidada. Infelizmente, porem tambem aqui o ‘Ligustro’ e outras especies exóticas teem preferencia sobre as indigenas. Dellas merece atençaõ a ‘Camphoreira’ (*Cinnamomum camphora*) que ornamenta bem dois largos da cidade”, relatava, em 1930, o botânico Francisco Carlos Hoehne.

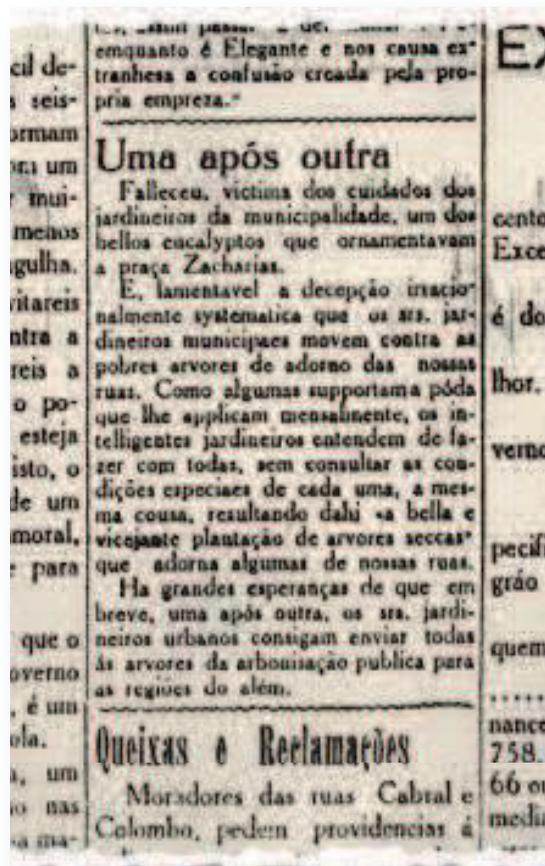
Arrojados empreendedores, em 1871 os engenheiros Rebouças construíram em Borda do Campo a primeira grande madeireira do Paraná, mas não deu pé. Com a abertura da estrada da Graciosa e a construção da estrada de ferro, poucos anos depois, aí sim, a madeira nativa escorreu feito água para o litoral.

“Se o estado não criar o mais depressa possível as reservas florestais, o Paraná se transformará de exportador de madeiras em importador de peroba, cedro, pinheiro, imbuia, marfim e outras madeiras-de-lei se tornarão raridades históricas”, alertava, em 1953, o eminente geógrafo Reinhard Maack, que descobriu o pico Paraná.

Desde o início do século passado, o engenheiro João David Pernetta e o deputado Romário Martins tentavam proteger nossas árvores nativas, incentivados pelo cientista sueco Per Karl Dusén. Não foram os últimos a defender a floresta com araucária, onde se abrigavam mais de uma centena de espécies nativas como:

Imbuia, sassafrás, ipê-amarelo, cedro, bracatinga, erva-mate, jerivá, juvevê, pitangueira, guabirobeira, aroeira, pinho-bravo, butiá, cambará, araçazeiro, tarumã, caaingá, corticeira, dedaleiro, quaresmeira, branquillo, pimenteira, açoita-cavalo, canjerana, jaboticabeira e diversos tipos de canelas.

Afinal de contas, elas são o começo e o fim de toda essa história.



Jornal Gazeta do Povo,
18 de fevereiro de 1919



Araucária

É ela que reina de braços abertos sobre a floresta, que ainda por cima leva seu nome. A vegetação nativa de Curitiba eram os campos e pinheirais -também chamados de matas com araucária. Até o começo do século passado, o pinheiro foi a árvore mais importante para os habitantes do sul do país. Primeiro, como alimento, depois, como madeira.



Apinhadas de pinheiros, as florestas iam do sul de Minas Gerais até o Rio Grande do Sul, e ocupavam uma área onde cabiam 457 curitibas. As quais, incrivelmente, hoje se reduzem a sete. A araucária foi a árvore mais explorada extensivamente em toda a América do Sul. Sua madeira ocupou o primeiro lugar nas exportações brasileiras em volume e valor.

Em 1893, o Paraná enviou um pinheiro com 43m de altura e 3,5m de diâmetro para a Exposição de Chicago, nos EUA. Atingiam os 50m sossegados e parecia que eles nunca iriam acabar. Só que o avanço inclemente das lavouras, a chegada das ferrovias, a Primeira Guerra Mundial e a força dos caminhões logo provaram o contrário. Só tiveram alguma paz nos anos 70, quando o número de baixas já era alto demais.

Depois de 250 milhões de anos de soberana e pacata existência, a árvore-símbolo do Paraná pode sumir do mapa. Tudo, por causa do tronco reto e uniforme, cuja madeira leve e macia é pau pra toda obra: casas, móveis, carroças, celulose, brinquedos, cabos de vassoura, pás de sorvete, palitos de dentes e de fósforos, lenha para locomotivas, nó de pinho, lápis, caixas de ressonância para pianos e até barris de erva-mate. Sem falar no alcatrão, terebintina, ácido acético, breu, piche, pez e outros derivados.

nome científico: *Araucaria angustifolia*

características principais

folhas: perenes*, duras, com até 6cm

frutos: cones de até 15cm, que produzem o pólen e pinhas

sementes: são os pinhões, chegam a 150 por pinha

onde encontrar: Praças Tiradentes e Santos Andrade. Bosque do Papa. Avenida N. Sra da Luz. No estacionamento da Secretaria do Meio Ambiente (junto ao parque Barigui), há um exemplar protegido.

Araucária: A história do Paraná seria bem diferente sem essa árvore de milhões de anos

* Significa que a árvore nunca perde todas as folhas, nem nas estações frias.

Cedro

O cedro pertence a uma família muito grande, que inclui ilustres representantes europeus e africanos, como o popular zimbro e a tuia, ou árvore-da-vida. Tem sangue nobre no Brasil também, onde seus parentes mais famosos são o mogno e a canjerana. Há quem o chame, entre outros nomes, de cedro-rosa, cedro-vermelho e cedro-batata.



Alvo adorado por lenhadores sem coração, quase foi dizimado devido ao alto valor de sua madeira leve, perfumada e fácil de trabalhar. Como não empena e resiste a cupins, dá forma a móveis finos, portas, janelas, instrumentos musicais, caixas, pranchetas e lápis. O cedro cresce rápido e, usado em mourões de cercas, às vezes chega a brotar.

Quando amadurece, o fruto do cedro parece uma flor de madeira, singela e rústica. Pouco depois, se abre em cinco e lança aos quatro ventos suas finas sementes aladas. Árvore ornamental, nativa dos pinheirais e cultivada em grandes espaços, também ajuda a recuperar áreas degradadas.

Cedro no Cabral:
madeira valiosa fez com que a espécie
quase desaparecesse

nome científico: *Cedrela fissilis* (*Cedrela* devido ao agradável cheiro de cedro; *fissilis*, por ser fácil de rachar, ou fender)

características principais

folhas: caducas*, grandes

flores: bege-claras, pequenas, em cachos, no verão

frutos: cápsulas marrons, com cinco partes

sementes: marrom-claras, aladas

onde encontrar: Na praça Eufrásio Correia há diversos exemplares, inclusive um protegido pela prefeitura.

*Quer dizer que, em certas épocas, a árvore perde todas as folhas.

Imbuia

A imbuia é uma senhora árvore e merece todo respeito. Primeiro, porque corre sério risco de extinção e, depois, porque atinge idades difíceis até de se contar. Uma delas, por coincidência no bosque do Museu de História Natural, é o ser vivo mais velho da cidade, com cerca de mil anos.

Nobre dama da floresta nativa, a imbuia cresce sem pressa, o que a torna mais rara ainda. Pertence à elegante família do louro e da canela e os desenhos de sua madeira durável e perfumada são, muitas vezes, legítimas obras de arte. Apesar de dura, é macia ao formão e serve para marcenaria, esquadrias, lambris, instrumentos musicais, esculturas, mourões e dormentes.

A maioria das imbuias hoje sobrevive em áreas protegidas. Na verdade, o que salvou seu couro foi alguma imperfeição no tronco. As árvores mais exuberantes, por terem maior valor comercial já foram ao chão há tempos e muitas permanecem estocadas há décadas nos depósitos dos seus algozes.

Os madeireiros não deixaram barato. Para se ter uma idéia, nos caminhões das serrarias cabia apenas uma tora por vez, tamanho seu porte. A imbuia enriqueceu muita gente que não se preocupou em agradecer, muito menos em preservá-la.

nome científico: *Ocotea porosa* (*Ocotea*: nome indígena para madeiras perfumadas; *porosa*: devido à porosidade da madeira)

características principais

folhas: perenes, com até 10cm e aromáticas, como sua madeira

flores: brancas, miúdas, sem perfume, na primavera

frutos: bagas redondas, pretas quando maduras

sementes: uma só, redonda e bege, no verão



onde encontrar: No bosque do Museu de História Natural ainda restam algumas das centenárias árvores que deram nome ao Capão da Imbuia, onde fica. Ao redor do muro há exemplares mais jovens, com cerca de 30 anos.

foto pág. 86

Folhas e frutos da imbuia,
antes de amadurecerem



Ipê-amarelo

Depois do pinheiro, o ipê-amarelo é a árvore mais popular da cidade. Cantada e recantada por inúmeras gerações de poetas, faz o maior sucesso na praça Tiradentes.

Principalmente em agosto, quando suas flores folheiam a ouro os gramados e brilham nos olhos da multidão. Repetida ao longo de décadas, essa imagem se tornou um cartão-postal de Curitiba.

A lenda diz que, quando o ipê floresce, não vai mais gear -mas, hoje, nunca se sabe. Há duas espécies fáceis de encontrar nas ruas. A *alba*, de folhas esbranquiçadas por baixo e verde-escuras por cima, é nativa, companheira da imbuia e do pinheiro nos capões, e só escapou da extinção porque sua magnífica florada estimulou o plantio em avenidas e quintais. A madeira, muito dura e pesada, é marrom-escura arroxeadada e excepcionalmente durável em construções externas, pontes, postes, dormentes, assoalhos, carpintaria, tonéis, tacos de bilhar e bengalas.



A segunda espécie, *chrysotricha*, possui folhas verde-ferruginosas e madeira de cor castanha, igualmente rígida e pesada, praticamente com as mesmas aplicações. Na medicina popular, pode curar feridas da pele e da boca. O ipê-amarelo é uma das árvores mais queridas em todo o Brasil. Tanto que a flor-símbolo do país vem de outra espécie: *Tabebuia vellosi*. Típica do cerrado, lamentavelmente não há registro dela por aqui.

nome científico: *Tabebuia alba* e *Tabebuia chrysotricha*
características principais

folhas: caducas, digitadas, lembram os dedos da mão

alba: verde-escuras, com a parte de baixo mais clara

chrysotricha: verde-ferruginosas

flores: amarelo-douradas, de agosto a setembro

frutos: alongados, de até 35cm de comprimento, e casca aveludada



onde encontrar: *alba*: Praça Tiradentes e rua dos Funcionários (Juvevê);
chrysotricha: Rua das Flores (entre Pres. Faria e Barão do Rio Branco) e avenida Pref. Lothário Meissner (Jardim Botânico).

Ipê-amarelo na estação Rodoferroviária, em plena floração

Nos detalhes, flores da espécie *chrysotricha* e folhas da espécie *alba*

Bracatinga

Pode chamar a bracatinga de abraçaatinga. São a mesma coisa: *aba*, quer dizer muitas; *rá*, plumas; caá, árvore e *tinga*, brancas. Mas a “árvore de plumas brancas”, que tem esse nome por causa dos pêlos claros nas folhas, é mais que isso. Achava-se que nenhuma outra crescia mais rápido, por ultrapassar os 2m num ano, mas o eucalipto, por exemplo, ultrapassa essa marca com um pé nas costas.

A abraçaatinga é uma das espécies mais importantes da mata nativa, pois ajuda a regenerar áreas degradadas. Mesmo formando grupos fechados, ela facilita a entrada de outras árvores na turma: suas raízes e folhas enriquecem o solo com nitrogênio e fósforo, que vão favorecer o crescimento das que tomarão seu lugar. Com tamanha generosidade, pena que prefira morrer na flor da idade: quase nunca chega aos 20 anos.



Apesar de ter sido usada até para fazer pólvora, a bracatinga tem um lado doce no inverno, quando se cobre com flores amarelas, que dão um mel de sabor marcante. Nos chamados bracatingais, onde reina única entre suas iguais, é cultivada para virar escoras na construção civil ou alimentar os insaciáveis fornos das pizzarias, churrascarias e padarias, pois seu carvão só perde para o de nó de pinho.

A bracatinga cresce rápido e ajuda a regenerar áreas degradadas

nome científico: *Mimosa scabrella*

características principais

folhas: perenes, ásperas ao tato, com pêlos acinzentados

flores: no inverno, pouco perfumadas, atraem muitas abelhas

frutos: no verão, pequenas vagens, de 3 a 5cm, marrons

sementes: 0,5cm, pretas, duras, resistem a muitos anos de armazenamento e germinam quando submetidas ao calor, como o de um incêndio na floresta

onde encontrar: Arboreto do Jardim Botânico. Rodovia dos Minérios, rumo a Almirante Tamandaré.

Pitangueira

Quem nunca comeu pitanga dificilmente vai imaginar uma doçura azedinha tão saborosa. Fruta típica dos pinheirais, parece uma miniatura de abóbora ou de tangerina descascada, que varia do alaranjado-claro ao vermelho bem escuro, no verão. Dá bastante, mas as aves, animais e até peixes a disputam com unhas e dentes, sem falar nos adultos e crianças.

Chorar as pitangas é chorar até o olho ficar vermelho -que, em tupi, se diz *pytãnga*. Há árvores por toda a cidade, principalmente nos capões. Podem ser encontradas em quintais, praças e mesmo nas ruas. A pitangueira não cresce muito e tem a casca

descamante, meio bege, com manchas claras acinzentadas, fácil de identificar. Para confirmar, basta esmagar as folhas, miúdas e brilhantes, com cheirinho bom.

O chá da pitangueira é antifebril e diurético. Mas o melhor são as geléias, doces e sucos. Se quiser experimentar esse formidável fruto, a polpa congelada é fácil de achar fora de época e, em alguns lugares, até sorvete.

nome científico: *Eugenia uniflora* (*Eugenia*, homenagem ao príncipe Eugene, da Savóia; *uniflora*, devido às pequenas flores, solitárias)

características principais

folhas: perenes, verde-escuras, pequenas, lisas, brilhantes e aromáticas

flores: isoladas, brancas, de cerca de 3cm, e perfumadas, no começo da primavera

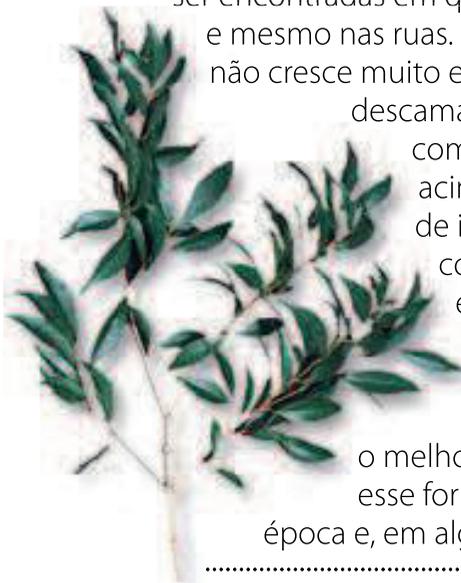
frutos: bagas com 1,5cm, no começo do verão

sementes: bolinhas beges de 0,5cm

onde encontrar: A rua Clotário Portugal (São Francisco) é arborizada com pitangueiras. Na avenida Iguaçu (Água Verde), debaixo das corticeiras e junto aos araçazeiros e pinheiros-bravos. No bosque do Papa há algumas gigantes, sob os pinheiros. Praças Tiradentes e Santos Andrade.



Pitangueira: cheiro das folhas ajuda a reconhecer a árvore





Sassafrás

Do sassafrás, quase não sobrou nem o cheiro. Nativa das florestas e capões de Curitiba e parente da canela, do louro e da imbuia, essa nobre árvore é das mais perfumadas que se tem notícia. Antes facilmente encontrada, hoje em dia anda meio na moita, de tão ameaçada de extinção.

E nem foi tanto a madeira -de lei, como a da imbuia- que jurou de morte o sassafrás. Seu óleo, com aplicações em perfumaria e na fabricação de inseticidas, tem uma característica importantíssima: sua densidade nunca se altera, mesmo em altas variações de temperatura. Essa estabilidade é vital para aparelhos de precisão, aeronaves e até espaçonaves.

Depois que ele já foi para o espaço, descobriram uma planta amazônica com óleo semelhante. Talvez agora o sassafrás descanse em paz. Como cresce bem devagar e dá frutos de vez em quando, ninguém o cultiva.

Por isso, não vai ser fácil dar de cara com algum pela cidade. Tampouco reconhecê-lo no meio da floresta, exceto pelo inigualável perfume das folhas, galhos e casca.

nome científico: *Ocotea odorifera* (*Ocotea*, nome indígena para árvores de madeira cheirosa; *odorifera*, de forte perfume)

características principais

folhas: perenes, com 10 a 15cm, lisas, verde-escuras, brilhantes e muito aromáticas

flores: pequenas, brancas, pouco vistosas e perfumadas, no verão

frutos: bagas semelhantes às nozes do Tico e Teco

sementes: bege-claras, elípticas, com 1cm

onde encontrar: Bosque da Boa Vista (Dr. Martin Lutero). Horto da Barreirinha.



Sassafrás, ao centro,
no bosque da Boa Vista:
árvore nativa que
hoje em dia é raridade

Cambará

Das folhas do cambará se faz um xarope contra tosse muito recomendado pela vovós. Sua famosa madeira, de tão dura, chega a tirar faíscas do machado. Essa curiosa árvore não frequenta as ruas e praças da cidade, mas pode ser encontrada nas bordas de capões das florestas nativas.

O cambará se diferencia pela copa acinzentada, casca profundamente sulcada e tronco curto e tortuoso. Graças à forma irregular, é o suporte ideal para orquídeas e bromélias que, com o avançar da idade, se tornam suas leais companheiras. Dá um excelente mel e a madeira serve para obras imersas, pontes, mourões, ferramentas e esquadrias.

nome científico: *Gochnatia polymorpha*

características principais

folhas: perenes, verde-escuras, brilhantes na face superior e acinzentadas e peludas na inferior

flores: brancas e pequenas

frutos: pequenos, com cerca de 1cm

sementes: reunidas parecem um pincel de barbear

onde encontrar: No arboreto e nas margens do capão do Jardim Botânico.

Butiazeiro

Os primeiros moradores de Curitiba cobriam suas casas com palmas de butiá. Os índios, anteriores a eles, também. Essa elegante palmeira, nativa daqui, em dezembro estende seus enormes cachos repletos de flores amareladas e chama ainda mais a atenção.

O butiá dá coquinhos mais doces que o jerivá, com o qual se parece bastante. Você também pode identificar o butiazeiro pelas folhas, curvadas quase como um arco, e as marcas no tronco, que são cicatrizes deixadas pelas folhas que caíram. Da fibra delas se fazem crinas vegetais, chapéus e cestas.

nome científico: *Butia eriospatha*

características principais

folhas: perenes, com mais de 1m, verde-claras

flores: amareladas

frutos: coquinhos amarelos

onde encontrar: Praça Carlos Gomes. Entrada do Parque Tanguá, onde formam uma alameda.

Aroeira

Os americanos não deixam plantar aroeira na Flórida e ela não é muito bem-vinda nas Bahamas e no Peru, onde tem fama de praga. Típica das nossas matas de pinheiros, está entre as árvores mais comuns de Curitiba, embora também dê as caras no oeste do estado e nas restingas do litoral.

O detalhe da aroeira é que, no final do verão, seus longos cachos de bolinhas vermelhas chamam muito mais a atenção que as minúsculas flores brancas. Por serem milhares, esses frutinhas atraem legiões de formigas e aves que os espalham até por banhados e solos pedregosos, onde brotam sem distinção.

Se você for altamente sensível, fuja da árvore, que pode causar alergia. A não ser que diga "Bom-dia, comadre aroeira!" três vezes, segundo a tradição popular. Em compensação, os frutos, geralmente desprezados, dão uma saborosa pimenta, depois de moídos.

Como seu sobrenome diz, dela se extrai a terebintina, usada nas tintas e vernizes. Da madeira, se fazem mourões de cerca, dormentes, rodas de carroça e moendas. A casca serve para curtir couro e fortalecer redes de pesca. O mel da aroeira é excelente, e sua lenha de primeira linha.

nome científico: *Schinus terebinthifolius* (*Schinus*: nome grego de outra espécie da mesma família, com resina aromática; *terebinthifolius*: pelo odor semelhante à terebintina, que exsuda de suas folhas)

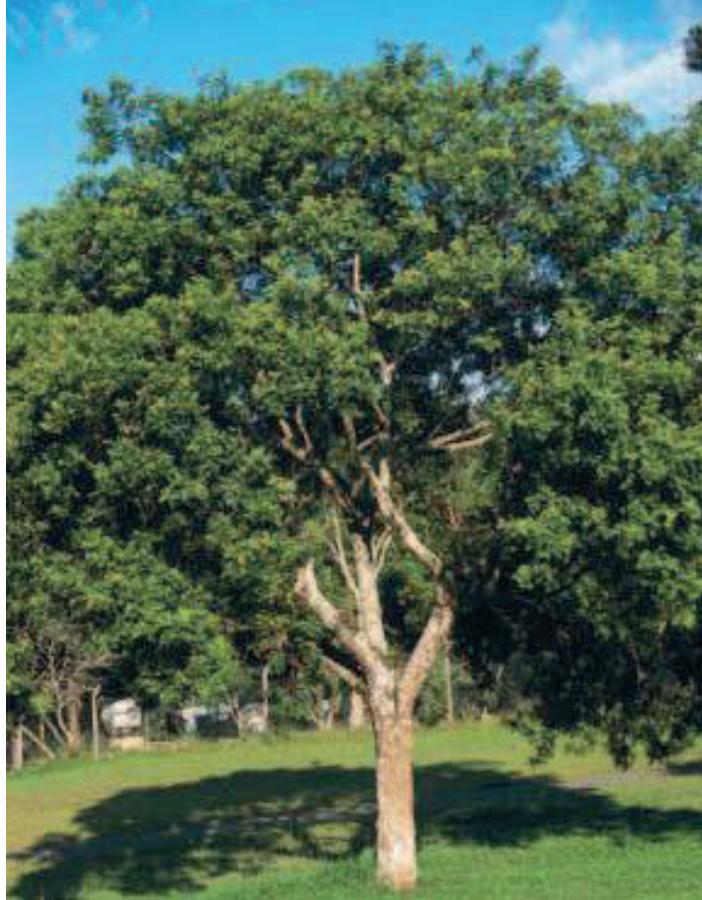
características principais

folhas: perenes, verde-claras, com até 16cm, e aromáticas

flores: miúdas e brancas, ocasionalmente duas vezes ao ano

frutos: bolinhas vermelhas ou rosa-forte que podem durar o ano todo

onde encontrar: Bosque do Papa, em frente à estátua do Sumo Pontífice, a maior árvore à esquerda.



Aroeira: árvore nativa é invasora em muitos países





Erva-mate

A badalada passagem do francês Auguste de Saint-Hilaire por Curitiba, em 1820, rende assunto até hoje. Além de comentar alguns costumes da população e recolher amostras da vegetação, o conceituado botânico propagou ao mundo a descoberta de uma planta muito bacana, nativa dos arredores da cidade: a erva-mate.

Dizem que, não fosse uma troca de etiquetas, ela seria chamada de *Ilex curitibensis*. A erva-mate orientou o crescimento do Paraná e determinou os rumos da economia. Tanto que fincou seu ramo na bandeira do estado e influenciou a criação da Universidade Federal. Depois, caiu na boca do mundo, em forma de chá. Curitiba ainda guarda marcas e hábitos desse próspero período, principalmente na arquitetura.

Para os índios, o mate é uma bebida mágica e saudável, que afasta a fadiga. Outros, garantem que combate vícios e que, em 1926, um deputado conseguiu abolir bebidas alcoólicas entre os 5 mil moradores da vizinha Campina Grande com chimarrão. Falando nisso, é árvore-símbolo do Rio Grande do Sul, onde o ritual da bomba e cuia virou ciência, com direito a livros e sites especializados.

Não é preciso andar muito para ver um pé. A rua do Herval presta modesta homenagem com cerca de meia-dúzia de árvores. No jardim da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, elas estão identificadas, mas se deram melhor nas praças e parques. Viva o mate.

nome científico: *Ilex paraguariensis*

características principais

folhas: perenes, simples, com até 10 cm

flores: pequenas, brancas, na primavera

frutos: bolinhas vermelhas com 0,5 cm de diâmetro, maduros no verão

sementes: 2 a 4, beges, pequenas e duras, parecem gomos de mimoso

onde encontrar: Arboreto do Jardim Botânico. Praça Santos Andrade. Bosque do Papa.

Erva-mate no arboreto Jardim Botânico: planta foi descoberta nos arredores de Curitiba. Nos detalhes, folhas e frutos



Chuva-de-ouro



O medalhão-de-ouro é uma espécie nativa de chuva-de-ouro.
No detalhe, suas flores douradas em forma de globo

Há várias árvores com esse nome, por conta da imaginação popular. Em comum, elas têm as flores amarelo-douradas, que faíscam na copa como pequenas jóias, antes de forrar o chão, feito um tapete de brocados. Três delas se destacam na paisagem urbana curitibana:

A primeira, nativa das matas de araucária, é o medalhão-de-ouro (*Cassia leptophyla*). Suas flores amarelas formam uma espécie de globo, ou coroa dourada, na época do Natal, se estendendo, às vezes, até março. Bastante freqüente em ruas e casas, você já deve ter visto.

Depois, temos a aleluia-amarela, ou manduirana (*Senna macranthera*). Natural do nordeste e sudeste do Brasil, é a de menor porte das três e, por isso, facilmente encontrada nas ruas de Curitiba. Floresce durante todo o verão. Por último, o pau-cigarra (*Senna multijuga*), que vem da Serra do Mar e das áreas desmatadas da planície litorânea, onde costuma atrair tatus que cavam o solo atrás das ninfas de cigarras. Usado na arborização em outras cidades, ainda não é muito comum por aqui.

nome científico: *Cassia leptophyla*, *Senna macranthera* e *Senna multijuga*

características principais

folhas: perenes, verde-escuras

flores: amarelas

frutos: vagens



onde encontrar: *leptophyla*: Praça Santos Andrade e avenida Nossa Senhora da Luz (Jardim Social); *macranthera*: Rua Barão do Rio Branco; *multijuga*: Praça Santos Andrade e em frente à PUC (Rebouças).

Caaingá

Muito abundante, porém pouco conhecido, o caaingá poderia ser a árvore-símbolo de Curitiba. De acordo com o doutor Gerdt Hatschbach, é a espécie mais comum e a que melhor representa o sub-bosque das araucárias, a floresta típica daqui.

Quem diz isso, com toda modéstia, é seu próprio descobridor, que avistou o caaingá pela primeira vez no Guabirota, em 1955. Como homenagem, a planta leva o nome, ou melhor, sobrenome *hatschbachii*. O mesmo de outras duzentas espécies, dentre as mais de quinhentas que o renomado estudioso já apresentou à ciência.

Também chamado de guamirim, o caaingá não é uma árvore muito exuberante. Mas alguns detalhes ajudam a identificá-lo: a copa, que, de tão fechada, quase não deixa passar um raio de sol pela folhagem verde-escura, e a casca, avermelhada, que se solta em pequenas lâminas. No verão, dá discretas flores de cor creme e, no outono, frutos maduros em forma de bagas arroxeadas. Pode provar sem medo, mas têm gosto esquisito.



Caaingá no Jardim Botânico:
possível símbolo da cidade

nome científico: *Myrcia hatschbachii*

características principais

folhas: perenes, verde-escuras

flores: de cor creme, pequenas, no verão

frutos: bagas, roxos

onde encontrar: Sempre associado ao pinheiro, pode ser visto em praticamente todos os bosques de floresta nativa da cidade. Como o do Jardim Botânico, logo atrás da estufa.

Jerivá

O jerivá é a mais curitibana de todas as palmeiras da cidade. Mais comum ainda que o butiá, com o qual geralmente o confundem. Árvore ornamental e pouco exigente, costuma freqüentar várzeas, mas se dá bem em qualquer lugar, até na frente do palácio Alvorada, em Brasília.

Seu nome quer dizer “fruta gomosa”, mas também o chamam de baba-de-boi ou coco-de-cachorro. Isso porque os graxains são loucos pelos coquinhos amarelos de polpa adocicada que o jerivá dá quase o ano inteiro. Os humanos também adoram, e servem as folhas adultas como ração para animais domésticos e cavalos de corrida.

Além de ser a palmeira mais usada para embelezar as ruas do país, seus enormes cachos de flores decoram banquetes e igrejas. A criançada adora brincar de esquiar nas descidas com as “espatas”: as cascas duras, em torno dos coquinhos. Sua madeira, marrom-escuro-rajada com listras brancas, segura bem a onda nos trapiches, por resistir à água do mar. Como se não bastasse, o jerivá é duro na queda: tem tronco tão forte que tira o fio do machado e da serra.

nome científico: *Syagrus romanzoffiana*

(*Syagrus*: nome grego de uma espécie de tamareira; *romanzoffiana*: homenagem ao conde de Romanzoff, chanceler e mecenas russo).

características principais

folhas: perenes, grandes, com 2 a 4m

flores: pequenas, brancas e muito numerosas, formando grandes cachos

frutos: pequenos cocos amarelos com polpa doce e, dentro, outro coquinho, bege-claro.

onde encontrar: No meio da Praça Osório, formam uma alameda. A rua Herculano Souza Franco (Vila Isabel) é arborizada com jerivás. Avenida Affonso Camargo, onde árvores novas são alvos constantes de vândalos.



Jerivá no Cristo Rei:
palmeira dá frutos quase o ano inteiro.
No detalhe, flores e “espatas”



Corticeira

Pode não parecer, mas a corticeira é parente do feijão, da ervilha e até da bracinga, ou seja, uma leguminosa.

A mais famosa da cidade fica ao lado do Bondinho, na rua das Flores, e, embora acostumada às multidões, é quase desconhecida do grande público. Assim como outras duas, pouco adiante, na Luíz Xavier, perto da praça Osório, remanescentes de um pequeno renque.



Há quem conheça a corticeira apenas pelo inusitado nome de “camarão-assado”, referência às exuberantes flores alaranjadas, de forma curva, que lembram o saboroso crustáceo e vêm na primavera. Coincidência ou não com seu aspecto de bico, o néctar delas atrai papagaios, periquitos e até humanos.

Como o nome indica, tem madeira leve, pouco indicada para construções e pouco resistente ao tempo. As corticeiras geralmente são encontradas nas florestas de galerias, aquelas nas margens dos rios.



Corticeira no final da avenida Iguaçu: néctar das flores atrai aves e humanos

.....

nome científico:
Erythrina falcata
características principais
folhas: caducas, com 20 a 30cm
flores: vermelho-alaranjadas, com forma curva, na primavera

frutos: vagens escuras com cerca de 10cm

sementes: tipo feijões, marrom-escuros, maduros no verão

.....

onde encontrar: A avenida Iguaçu (Água Verde), foi arborizada com corticeiras na década de 70. Praças Rui Barbosa e 29 de Março. Largo Cel. Joaquim P. de Macedo (Centro).

Guabirobeira

Basta ouvir essa palavra, tem gente que arregala os olhos, mexe a língua e já começa a salivar: guabiroba. A situação pode se agravar, conforme for imaginando o resto da família: pitanga, araçá, jaboticaba, uvaia: todas, frutas nativas daqui. Curitibanas da gema, em geral, habitam bosques, parques e quintais mais afastados. Mas nada como sempre tê-las por perto.

A guabiroba -ou gabiroba- é pequena, amarela, meio achatada e tem cheiro gostoso, bastante peculiar. Vale a pena provar. No verão, desperta a gula de humanos, animais e aves e ainda ajuda a engordar porcos. Com alto teor de vitaminas, dá ótimos sucos, licores e geléias, embora não seja muito cultivada em casa.



A gabirobeira se diferencia pela casca amarelada, que se desprende em pequenas tiras com textura de papel, e pelas folhas, cheirosas como os frutos. É a única, dentre as nativas da família, a se despir totalmente no inverno. Sua madeira, dura e pesada, serve para secar erva-mate, fazer instrumentos musicais, como lenha e cabos de ferramentas.

Guabirobeira no arboreto do Jardim Botânico: frutos amarelos, no verão

nome científico: *Campomanesia xanthocarpa* (*Campomanesia*: homenagem a P. Rodrigues de Campomanes, naturalista espanhol; *xanthocarpa*: fruto amarelo)

características principais

folhas: caducas, simples, com cerca de 10cm

flores: pequenas, brancas

frutos: bagas, achatadas, com 2cm de diâmetro

sementes: pequenas, com 3mm

onde encontrar: Parques Barigui e da Barreirinha. Bosques do Papa, da Boa Vista e do Alemão. Arboreto do Jardim Botânico.

obs: Na avenida Iguazu tem uma sorveteria com sabores de frutas nativas no cardápio.

guabirobeira

Dedaleiro

O dedaleiro deve ser a árvore preferida dos noctívagos e boêmios. Sua flor branca desabrocha ao cair da noite e perde as pétalas ao amanhecer, sendo polinizada por morcegos e mariposas. O fruto, como o nome diz, tem forma de dedal -aquele conezinho que as mulheres usavam no dedo, para costurar.

De cor amarelo-clara, sua madeira é bastante empregada na construção civil e marcenaria. Já os índios guaranis preferem fazer flechas com ela.

nome científico: *Lafoensia pacari*

características principais

folhas: caducas, verde-escuras e brilhantes, com nervuras marcadas e paralelas

flores: brancas, de estames grandes e chamativos

frutos: castanhos, quando maduros, no formato de dedal

onde encontrar: No arboreto e no bosque do Jardim Botânico. É bem freqüente nas ruas do bairro das Mercês.

Dedaleiro:
o nome vem
do fruto



Branquilha

Do fundo de sua sabedoria, os pescadores mais antigos ensinam que o lambari gosta muito das sementes do branquilha. Sorte dos dois, pois essa é a árvore mais encontrada nas matas ciliares -aquelas às margens dos rios- em torno da cidade.

O interessante do branquilha é que, para espalhar as sementes, seus frutos maduros simplesmente explodem, lançando-as a metros de distância. Há quem confunda o branquilha com o branquilha-de-leite (*Sebastiania brasiliensis*), que é bem parecido e solta um látex branco e viscoso quando cutucado.

nome científico: *Sebastiania commersoniana*

características principais

folhas: caducas, verde-acinzentadas

flores: muito pequenas, verde-amareladas

frutos: secos, castanhos quando maduros

onde encontrar: Bosque de Portugal. Parques do Passaúna e Barigui (fragmentos de mata conservada, ao longo do rio Barigui). Caminho do Zoológico (várzeas do rio Iguazu).

Tarumã

Que o Tarumã é um bairro movimentado, com ginásios de esportes e até corridas de cavalos, todo mundo sabe. Mas que o tarumã é uma árvore enorme, nativa das matas com araucária e da floresta atlântica, muita gente nem desconfia. Também pudera, não é fácil encontrar algum na região que ele batizou.

O tarumã já foi mais popular. Principalmente devido à sua madeira, que tem fama de indestrutível, por durar bastante, mesmo em lugares úmidos. E também pelos frutinhas

roxo-azulados, que lembram pequenas azeitonas. Geralmente desprezados, por causa do gosto estranho, são apreciados por macacos e pássaros, no verão.

Em vários lugares do Sul o tarumã é aproveitado no paisagismo urbano. Pode chegar a 20m de altura. Tem folhas digitadas (feito os dedos da mão) como as dos ipês e dá pequenas flores lilases, melíferas, em cachos. O chá limpa o sangue e combate o reumatismo. Da madeira se fazem dormentes, rodas hidráulicas, palanques e postes.



nome científico: *Vitex megapotamica*

características principais

folhas: caducas, digitadas, com cinco folíolos

flores: pequenas, lilases, em cachos

frutos: bagas de 2cm, arroxeadas, no verão

onde encontrar: Arboreto do Jardim Botânico. Museu de História Natural.

Tarumã no arboreto do Jardim Botânico:

bairro famoso e árvore desconhecida

No detalhe, as folhas e frutos

Quaresmeira

Na época em que muitas pessoas fazem jejum, abstinências e outros sacrifícios, a quaresmeira se exhibe toda faceira. Cheia de cores, também celebra a quaresma, evento religioso que coincide com o auge da sua floração e, por causa disso, batizou a árvore.

Nativa dos pinheirais, a principal característica da quaresmeira está na cor das pétalas, claras ao desabrochar e que escurecem de tom, aos poucos, podendo chegar ao roxo. Outro detalhe são as nervuras curvas das suas pequenas folhas, sempre-verdes. Se a quaresma não dura muito, a quaresmeira também vive pouco: não passa dos vinte anos.

Apesar de darem flores parecidas, que preferem datas especiais para surgir, a quaresmeira é diferente do jacatirão, bastante visto na descida da Serra do Mar. Ele tem porte maior e prefere florescer no Natal. Por outro lado, os dois também são confundidos com o manacá, que pertence a outra família e não tem nada a ver com a história.

.....
nome científico:

Tibouchina sellowiana

características principais

folhas: perenes,
pequenas, com 5cm e
nervuras curvas

flores: pequenas, cerca de
6cm, variam do branco ao
roxo, no outono

sementes: inúmeras,
quase como pó, marrons

.....
onde encontrar:

Praças Santos Andrade e
Eufrásio Correia.

**Quaresmeira: flores
parecidas com as
do jacatirão e do manacá**



Pinho-bravo

Consta que, em outros tempos, os pinhos-bravos chegavam tranqüilamente a 20m de altura e formavam densos agrupamentos sob as altivas copas dos pinheiros. Hoje, a coisa mudou. Apesar de ser -depois da araucária, é claro- a única conífera nativa da cidade, o pinho-bravo se tornou desconhecido da população.



Como toda conífera, o pinho-bravo não dá flores. Para complicar, quando jovem, parece um pinheirinho e, talvez por isso, não seja muito popular. Já crescido, sua copa fica arredondada como a da maioria das árvores, o que ajudou no anonimato. Mas não o poupou das afiadas garras das motosserras.

Sua madeira foi extremamente usada em taboados, compensados, forros, móveis rústicos, fósforos e brinquedos. Leve e bege-clara com tons acinzentados, não resiste à umidade.

**Pinho-bravo: quase desconhecido
companheiro da araucária**

nome científico: *Podocarpus lambertii* (*Podocarpus*: pé carnosos; *lambertii*: homenagem a Lambert, botânico inglês)

características principais

folhas: perenes, pequenas e estreitas, com uma só nervura

sementes: pequenas bolas de 0,3cm, verdes, quando maduras

obs: A árvore feminina produz "pseudofrutos" carnosos e suculentos.

Adocicados e saborosos, são como pequenos cabos de uma única semente

onde encontrar: Praça Eufrásio Correia. Parque Barigui (perto da pequena ponte de madeira, nos fundos). Na face voltada para a avenida Pref. Lothário Meissner, do Jardim Botânico, formam uma cerca-viva.

Araçazeiro

O araçá é outra fruta nativa dessa terra. Muito boa, por sinal. Lembra uma goiaba, um pouco menor. A variedade vermelha, mais comum nos bosques e parques de Curitiba, dificilmente ultrapassa os 10m de altura. Já a amarela, dá em forma de arbustos e freqüenta mais o litoral.

O araçazeiro tem casca lisa, ou quase, como a da goiabeira, e tronco tortuoso, que vai do marrom-claro ao verde-amarelado. As folhas são brilhantes, de cheiro parecido com o da fruta. O araçá é apreciado ao natural, em geléias e doces.



Araçá-vermelho:
saboroso de
qualquer jeito

nome científico: *Psidium cattleianum*

características principais

folhas: perenes, verde-escuras, brilhantes e cheirosas

flores: brancas

frutos: vermelhos ou amarelos, suculentos, no verão

onde encontrar: Parque Barigui. Bosque Boa Vista (Dr. Martin Lutero). Arboreto do Jardim Botânico. Praça Tiradentes.

Pata-de-vaca

São duas as patas-de-vaca mais fáceis de se encontrar num passeio pela cidade: a nativa, ou *forficata*, que dá flores brancas, tem espinhos nos ramos e porte maior. E a exótica, ou *variegata*, de flores cor-de-rosa ou igualmente brancas, sem espinhos, que veio da Índia, onde a vaca é sagrada. O nome dessa árvore se deve ao formato das folhas, que lembram as pegadas do pacato bovino.

nome científico: *Bauhinia forficata* e *Bauhinia variegata*

características principais

folhas: perenes, verde-claras, parcialmente unidas na porção inferior

flores: brancas ou róseas

frutos: vagens

onde encontrar: *nativa:* Terrenos baldios; *exótica:* Rua das Flores (quarteirão do Bondinho) e praça Osório.

Juvevê

Devia haver muitos juvevês entre o Alto da Glória e a Boa Vista, a ponto de emprestarem seu nome ao bairro, antes de desaparecer sob o concreto. Não que estejam extintos, mas só são comuns nas florestas e capões, ao lado das outras árvores nativas daqui. Vai ser difícil encontrar um juvevê na rua, já que seus numerosos espinhos desestimulam o uso na arborização pública.

O juvevê tem folhas miúdas que cheiram a limão, um velho parente distante. Há duas espécies, muito parecidas, com o mesmo nome. Justamente por causa dos espinhos, receberam os apelidos de mamica-de-porca e mamica-de-cadela. Da sua madeira se fazem bengalas e cabos de ferramentas. Curiosamente, o que o afastou dos madeireiros não foram suas pontas afiadas e sim a estatura mediana da árvore.



O tronco espinhoso e as folhas pequenas, com cheiro de limão, ajudam a reconhecer o juvevê, que sumiu das ruas, mas virou bairro. Na foto, a espécie *rhoifolia*

nome científico: *Zanthoxylum kleinii* e *Zanthoxylum rhoifolia* (*Zanthoxylum*, madeira de cor amarela; *kleinii*, homenagem a Roberto Miguel Klein, botânico catarinense)

características principais

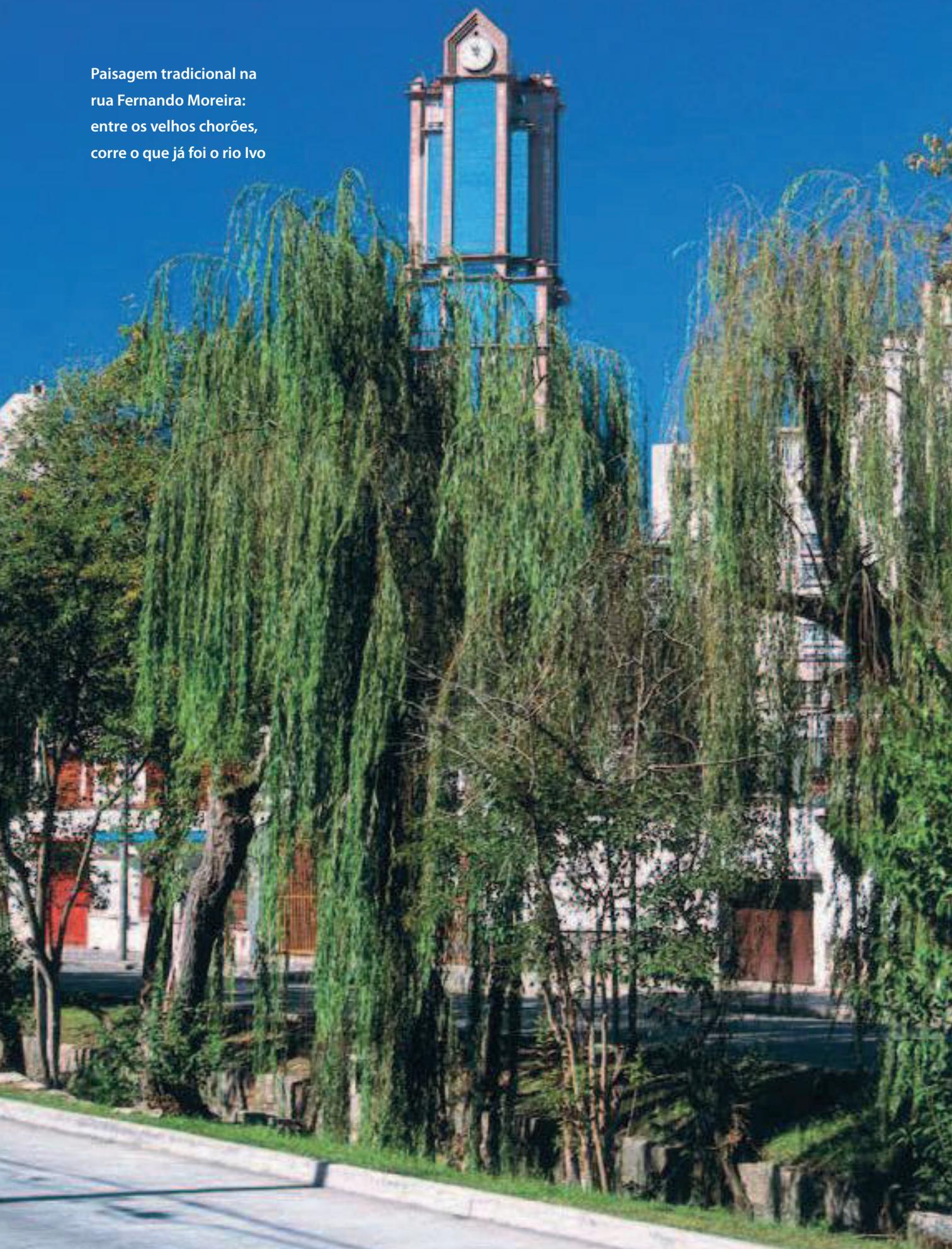
folhas: perenes, pequenas, com 5 a 10cm, têm glândulas que cheiram a limão e folíolos com espinhos, às vezes

flores: pequenas, brancas, pouco perceptíveis

frutos: pequenas bagas redondas, com cheiro de limão

onde encontrar: Jardim Botânico. Em geral, nos bosques ou parques onde houver pinheirais.

Paisagem tradicional na
rua Fernando Moreira:
entre os velhos chorões,
corre o que já foi o rio Ivo



Chorão

A maior graça do chorão está nos seus ramos, finos e compridos, que caem como uma cortina de folhas. Também chamado de salgueiro, das árvores de sua família se extrai o ácido acetilsalicílico, base da centenária aspirina. O próprio Hipócrates -sabe quem é, né?- já recomendava mascar sua casca, contra febres e dores, há mais de 2 mil anos.

Apesar do sobrenome *babylonica*, o chorão não vem do Iraque, a antiga Babilônia. A lenda reza que seus galhos, antes voltados para o céu, se inclinaram para chorar a tristeza do povo judeu no exílio -daí o apelido. Mas, embora haja chorões em todos os cantos do mundo, suas raízes saíram mesmo da China.

Interessante que o salgueiro pode ser plantado ao contrário, de modo que os ramos se tornem raízes e vice-versa. Por preferir lugares úmidos, é muito utilizado na ornamentação de beiras de lagos, tanques e rios. Para muita gente, a rua Fernando Moreira, que margeia o canal do rio Ivo, em Curitiba, virou simplesmente "rua dos chorões". E não adianta abrir berreiro.

nome científico: *Salix babylonica*

características principais

folhas: caducas, simples, com margem serreada

flores: sem expressão

onde encontrar: Parque Barigui.

Canafístula

Em caso de incêndio na floresta, a canafístula pode se tornar uma verdadeira chaminé. É que nesses locais, seu tronco chega a atingir 2m de diâmetro, sendo, em muitos casos, oco.

Rústica e vigorosa, veio do oeste do Paraná e se adaptou bem ao frio, a ponto de suas exuberantes flores amarelas serem conhecidas em grande parte da cidade. É usada na construção civil, naval, marcenaria, como lenha e carvão.

nome científico: *Peltophorum dubium*

características principais

folhas: caducas, verde-escuras, com até 50cm de comprimento

flores: amarelas, com 2cm de diâmetro, na primavera

frutos: vagens marrons, achatadas e compridas

onde encontrar: Praça Cons. Tomás Coelho (em frente ao Colégio Militar). A rua Felipe Camarão (Prado Velho) é toda arborizada com canafístulas.

canafístula

Paineira

A paineira é a prima brasileira dos famosos baobás africanos. Como eles, tem o tronco coberto por espinhos e a base mais gorda que, em algumas delas incha, justificando seu apelido de “barriguda”. A mais ilustre da cidade fica no Bom Retiro e vive sob a proteção da lei estadual e de um pára-raios. Os vizinhos garantem que passa dos cem anos.

As árvores dessa família parecem ocas -o que você pode comprovar, com uma leve batida no tronco. A paineira costuma ser cultivada em praças ou parques, já que suas raízes não respeitam muros nem calçadas e porque existem pessoas sensíveis à paina, liberada no inverno, quando seus grandes frutos ovalados se abrem. Com os ramos cobertos de flocos feito algodão, é impossível não reconhecê-la.



No verão, em cálidos tons de cor-de-rosa e branco suas flores esbanjam alegria pelos galhos e no chão. Apesar das inúmeras aplicações, a paineira é mais cultivada como árvore ornamental.

A paina serve para encher travesseiros, colchões e estofados. Da madeira, se fazem canoas, cochos, gamelas, aeromodelos e tamancos.

No inverno, os frutos ovalados se abrem e liberam a paina, o que facilita a identificação

nome científico: *Ceiba speciosa* (*Ceiba*: nome indígena da árvore; *speciosa*, devido à beleza de sua floração)

características principais

folhas: caducas, digitadas (em forma dos dedos da mão), com 5 a 7 folíolos e margem serrada

flores: grandes, de cor quase branca a rosa-escuro, no verão

frutos: cápsulas ovais de até 20cm, com sementes envoltas em paina

onde encontrar: Rua Tenente Max Wolf Filho (Água Verde). Largo Bittencourt (em frente ao Círculo Militar). Praças 19 de Dezembro e João Cândido.

foto pág. 84

Ácer

Talvez você já tenha intimidade com o ácer e não lembre. Seus frutos secos são um dos brinquedos preferidos das crianças, que gostam de jogá-los para cima e vê-los cair rodopiando como pequenos helicópteros.

Também chamado de bordo, veio da América do Norte e é outra árvore que rouba a cena no outono. Nem parece que estamos num país tropical, com suas folhas desfilando todas as tonalidades do verde-claro ao amarelo e o marrom, antes de secar.

nome científico: *Acer negundo*

características principais

folhas: caducas, verde-claras e papiráceas

flores: brancas

frutos: alados, cor de palha

onde encontrar: Ruas André de Barros, Marechal Deodoro, Marechal Floriano e Amintas de Barros (ao lado da Reitoria), todas no Centro.

Monjoleiro e angico-vermelho

As duas são altas, elegantes, têm folhas delicadas, bem miúdas, dão frutos em forma de vagens e se vestem com flores, no verão. Além disso, vieram do oeste do Estado para ganhar o coração da cidade.

Por tamanha semelhança, o monjoleiro também é conhecido como angico-branco. A diferença mora na casca. A do monjoleiro é fina, áspera e cinza, com grandes manchas brancas. E as flores, brancas também. Da sua madeira, rígida e pesada, se fazem monjolos, que servem para pilar cereais.

A casca do angico-vermelho está mais para o castanho-avermelhado e solta pequenas lascas. Quando nova, sua goma substitui a goma arábica.

nome científico: *Anadenanthera colubrina* e *Parapiptadenia rigida*

características principais

folhas: caducas, com folíolos muito pequenos, verde-escuros

flores: *monjoleiro:* brancas; *angico-vermelho:* verde-amareladas

frutos: vagens

onde encontrar: *monjoleiros:* Rua Júlia Wanderley (Mercês) e praça da França, onde há um exemplar tombado; *angicos-vermelhos:* Ruas Coronel Dulcídio (Batel) e México, entre outras do bairro Boa Vista.

**Ipê-roxo na Ângelo Sampaio:
muito procurado devido às
propriedades medicinais**



Ipê-roxo

O ipê-roxo dificilmente passa em branco. É impossível não notar sua imponência, já que pode chegar a 30m de altura e, no inverno, fica coberto de flores espetaculares, sem folha alguma. Bastante usado na arborização das cidades, às vezes o confundem com o jacarandá-mimoso, que tem folhas bem mais delicadas.

As folhas do ipê-roxo são verde-escuras, na forma dos dedos da mão, como as do ipê-amarelo, mas sem pêlos. A casca, inicialmente lisa, vai ficando fissurada com o tempo. Nos anos 70, virou quase uma febre nacional, quando acreditou-se que ela curava o câncer, mas ainda não foi comprovado. É utilizada como analgésico e contra reumatismo e anemia.

Por suas propriedades medicinais -e, principalmente, de sua madeira arroxeadada, muito dura, considerada de lei- foi criminosamente explorado. É nativo do norte e do oeste do Paraná e, também, a árvore-símbolo do Paraguai.



nome científico: *Tabebuia heptaphylla* (*Tabebuia*, nome indígena da árvore; *heptaphylla*, folha com sete folíolos)

características principais

folhas: caducas, digitadas, verde-escuras

flores: roxas ou rosadas

sementes: aladas

onde encontrar: Ruas Comendador Araújo e Padre Germano Mayer (onde há um exemplar imune de corte, na esquina com a 15 de Novembro). Avenida das Torres (Guabirota).

Pinheiro-australiano

É da família das araucárias e suas sementes grandes, com forma de pêra, são a base da alimentação dos aborígenes, que o chamam *bunya-bunya*. Bastante parecido com o nosso pinheiro, a diferença está nos seus ramos extremos, caídos. O nome é homenagem um naturalista pioneiro da Austrália e Nova Zelândia: J. S. Bidwill.

nome científico: *Araucaria bidwillii*

características principais

folhas: perenes, verde-escuras e brilhantes

frutos: reunidos em pinhas, parecidos com os nossos pinhões

onde encontrar: Na rua da Paz com Comendador Macedo há um exemplar imune ao corte. Avenida Batel (em frente ao prédio da Copel).

Jacarandá-mimoso

Jacarandá-mimoso
no Passeio Público:
lampejo de
beleza no
coração
da cidade

O jacarandá-mimoso não tem nada a ver com aqueles jacarandás de madeira nobre e perfumada, comuns na região sudeste do país. Como o nome diz, seu aspecto é mais delicado, provável alusão às folhas em forma de pluma, esculpidas com primor -ou mimo- pela natureza.

Na primavera, quando floresce, impressiona. O azul-violeta se espalha pelos ramos e se derrama pelo chão. Outra forma de reconhecê-lo é através dos frutos, que parecem pequenos medalhões de madeira, antes de se abrirem e espalhar as sementes aladas ao léu. A rua Dr. Muricy já foi arborizada com jacarandás-mimosos, que continuam fazendo bonito na avenida Iguazu, entre o Centro e o Batel, ou na Marechal Deodoro.

nome científico: *Jacaranda mimosaeifolia* (*Jacaranda*: nome indígena das árvores desse gênero; *mimosaeifolia*: do grego *mimein*, movimento semelhante ao de folhas como as da sensitiva, que reagem ao toque)

características principais

folhas: caducas, com cerca de 25cm e folíolos de 1cm

flores: azul-violáceas

frutos: discos lenhosos com margens onduladas; quando maduros, ficam marrom-escuros e abrem-se em dois

sementes: pequenas e aladas

onde encontrar: Nas laterais do Passeio Público (ruas Carlos Cavalcanti e Pres. Faria) há árvores magníficas. Feirinha do largo da Ordem (praça Garibaldi). Largo Frederico Faria de Oliveira (Centro).

Sibipiruna

Uns garantem que ela veio do Pantanal, outros, da floresta atlântica do Rio de Janeiro. E há quem jure que nem brasileira ela é. De qualquer forma, a sibipiruna já fincou pé em várias ruas da cidade, sendo muitas vezes confundida com o pau-ferro, que tem folhas um pouco maiores.

A copiosa copa, que parece se dividir em camadas, e sua intensa floração amarela são o maior atrativo dessa sublime árvore, cujas folhas vão da cor de ferrugem, quando brotam, ao verde-escuro, das mais vividas.

nome científico: *Caesalpinia peltophoroides*

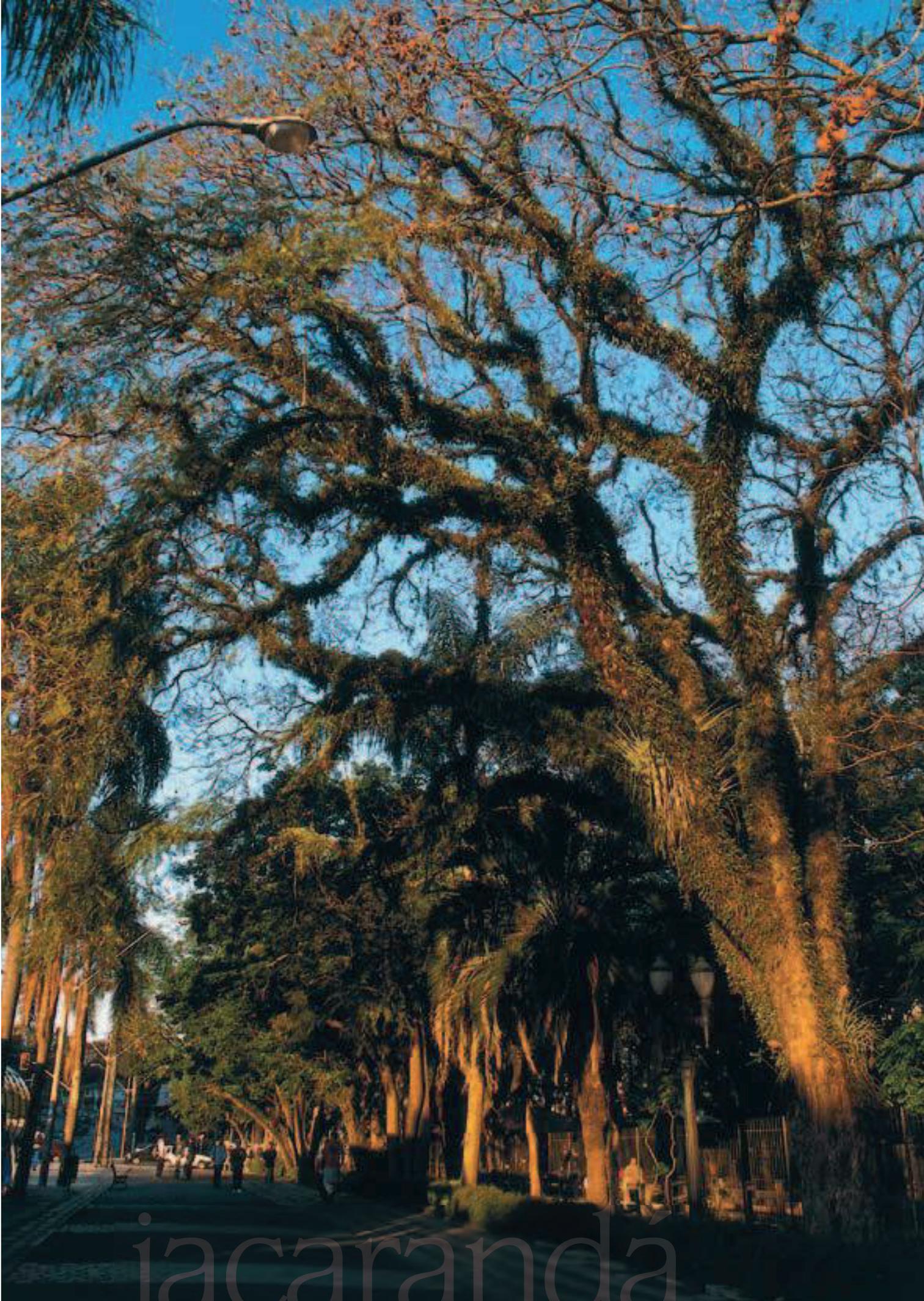
características principais

folhas: perenes, verde-escuras

flores: amarelas, por volta de outubro ou novembro

frutos: vagens lenhosas com cerca de 10cm

onde encontrar: Início da rua Desembargador Westphalen (Centro).



iacarandă

Guapuruvu

A árvore mais alta da praça Santos Andrade, em frente ao teatro Guaíra, é um guapuruvu intocável. Sem sombra de dúvida, é também uma das mais majestosas da cidade. Testemunha de inúmeros eventos culturais, foi plantada no início dos anos 70, com muda trazida de Morretes pelo botânico Gerdt Hatschbach e, embora acostumada ao calor da Floresta Atlântica, se deu bem naquele lugar. Assim como seu irmão, pouco adiante, junto ao teatro, quase do mesmo tamanho e igualmente protegido de corte.

Com copas amplas, que lembram enormes guarda-chuvas vivos, os guapuruvus também se destacam entre as diversas árvores da praça Osório. E dão o ar da sua graça na descida para o litoral, enchendo a Serra do Mar de pinceladas douradas, durante a floração.

O guapuruvu cresce rápido e tem madeira branca, muito leve, bastante utilizada em canoas de “um tronco só”, aeromodelismo, calçados, lápis, caixotes, táboas de forros e na celulose para produção de papel. Além disso, é árvore-símbolo da cidade de Florianópolis.

nome científico: *Schizolobium parahyba*

características principais

folhas: caducas, longas com até 1m

flores: amarelo-douradas, na primavera

frutos: belos envelopes cor de palha, com asas

sementes: duras, acinzentadas, no outono

onde encontrar: Praças Santos Andrade e Osório.

Avenida N. Sra da Luz com rua Prof. Ewaldo Schieber (Jardim Social). **foto** capa

Grevilha

A grevilha veio da Austrália no início do século passado e foi direto para o norte do Paraná servir de quebra-vento nas lavouras de café. Algumas ficaram em Curitiba, para satisfação de nossos antecessores. Cultivada em praças e canteiros centrais das ruas, longe da fiação, pode ser identificada pelo porte elegante, copa em forma de pirâmide e folhas que lembram as da samambaia.

nome científico: *Grevillea robusta*

características principais

folhas: perenes, verde-escuras

flores: douradas

frutos: secos, em forma de cápsulas escuras

onde encontrar: Praças Carlos Gomes e Eufrásio Correia.

Magnólia

Se você ainda não viu uma magnólia, fique de olho. Só as flores já valem tamanha distinção. Enormes, brancas, feito camélias gigantes, esbanjam requintado perfume, indiferentes aos aromas da cidade. Sem as magnólias, a primavera em Curitiba jamais seria a mesma.

No outono, em meio à folhagem sempre-verde, vêm à tona os frutos: rebuscados cones lenhosos, usados como decoração. Vindas da América do Norte, as magnólias foram uma das primeiras espécies a ganhar importantes artérias da cidade.

Vicejaram em plena avenida Marechal Floriano, perto da praça Carlos Gomes, e na entrada de locais suntuosos, como a Sociedade Garibaldi, no largo da Ordem, onde resistem irresistivelmente. As mais tradicionais são as da rua Inácio Lustosa.



Magnólia na avenida Francisco H. dos Santos: flor magnífica, na primavera

Há algum tempo, outra espécie de magnólia foi testada na arborização viária. Tem flores menores e amarelas e veio de Java: é a *Michelia champaca*.



nome científico: *Magnolia grandiflora*

características principais

folhas: perenes, duras, grandes, com 15 a 20cm, brilhantes, grossas, verde-escuras por cima e “enferrujadas” por baixo

flores: brancas, grandes, fortemente perfumadas, na primavera

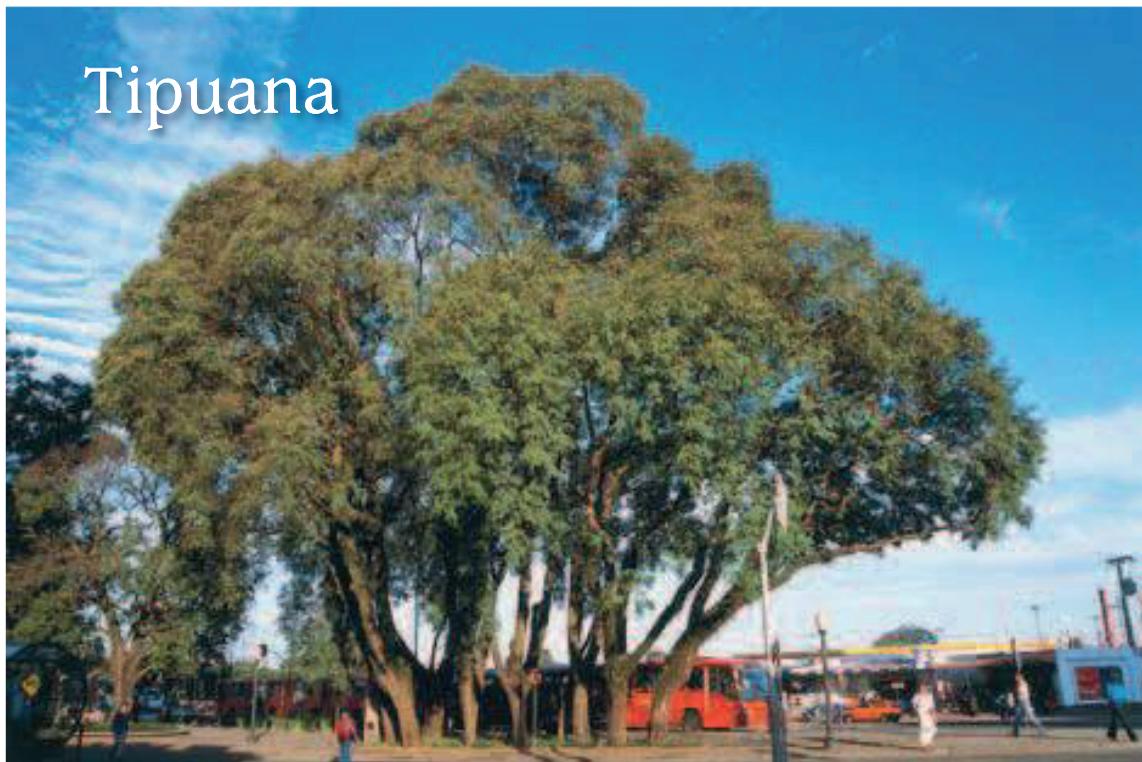
frutos: cones lenhosos com cerca de 10cm

sementes: pequenas, vermelhas, duras e brilhantes

onde encontrar: Rua Bento Viana (Batel). Avenidas Cel. Francisco H. dos Santos (J. das Américas) e Sete de Setembro (ao lado do Cefet). Praça Eufrásio Correia.

obs: Na avenida Marechal Deodoro com Barão do Rio Branco há um exemplar da *Michelia champaca* e a rua Rockefeller (Rebouças) é arborizada com ela.

Tipuana



Tipuanas na avenida Sete de Setembro: bastante comuns na cidade, são as árvores de maior copa

Você já viu uma tipuana. Provavelmente, várias. É das árvores mais usadas na arborização da cidade. Quando crescem, fazem tipo um túnel com suas copas frondosas, que atravessam o outro lado da rua. São uma mão na roda em muitos estacionamentos, porque dão a maior sombra.

As inúmeras flores amarelas que, na primavera, incendeiam sua copa e depois se esbaldam pelo chão ajudam a reconhecê-la. Pode chamá-la de tipa. Diziam que, se uma tipuana tombasse, o Japão viria junto com suas raízes. Apesar de ser da Bolívia e Argentina, em Curitiba ela está em casa: é uma das pioneiras das ruas e praças e a espécie mais protegida.

Das cerca de trinta árvores tombadas pelo estado e município, sete são tipas. Das que ornavam a rua Ébano Pereira de cima a baixo, restaram quatro, na frente da Secretaria da Cultura. As demais queridinhas vivem nas ruas D. Pedro II, Vicente Machado e Padre Antônio.

nome científico: *Tipuana tipu*

características principais

folhas: caducas, com 20cm, e folíolos lisos e ovalados

flores: abundantes, amarelas, com 4cm, e sem perfume, na primavera

frutos: sementes com asa lateral, giram como helicópteros, ao vento

onde encontrar: Ruas Visconde do Rio Branco (Centro), Reinaldo S. de Quadros (Alto da 15), João Negrão e Comendador Roseira (ambas no Rebouças). Avenida Getúlio Vargas (Água Verde e Rebouças).

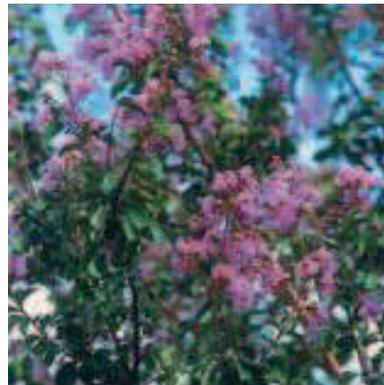
Extremosa

Qual a árvore mais plantada nas ruas de Curitiba? Isso mesmo, a extremosa -também conhecida como resedá. Por ser pequena, ela não causa muitos estragos à fiação elétrica e, com suas flores cor-de-rosa, brancas e vermelhas, acabou caindo nas graças dos técnicos e no bendito gosto popular.

Como nem tudo é perfeito, seu problema são as raízes pouco desenvolvidas, que aumentam o risco de queda durante ventos mais fortes. O tronco, liso e bege, se parece com o da pitangueira, porém as folhas quase não têm cheiro -a melhor maneira de diferenciar as duas.

A extremosa é nativa da Índia, mas percorreu vários países. A diferença na cor das flores não significa que sejam de outras espécies, apenas variedades da mesma. Ao se despedirem, no outono, as folhas ostentam diversas tonalidades de amarelo, alaranjado e vermelho, que lembram longínquas paisagens de climas temperados.

Extremosa: flores simpáticas e folhas que mudam de cor



nome científico: *Lagerstroemia indica* (*Lagerstroemia*, em homenagem ao sueco Magnus de Lagestrom; *indica*: nativa da Índia)

características principais

folhas: caducas, pequenas, com 4cm, arredondadas

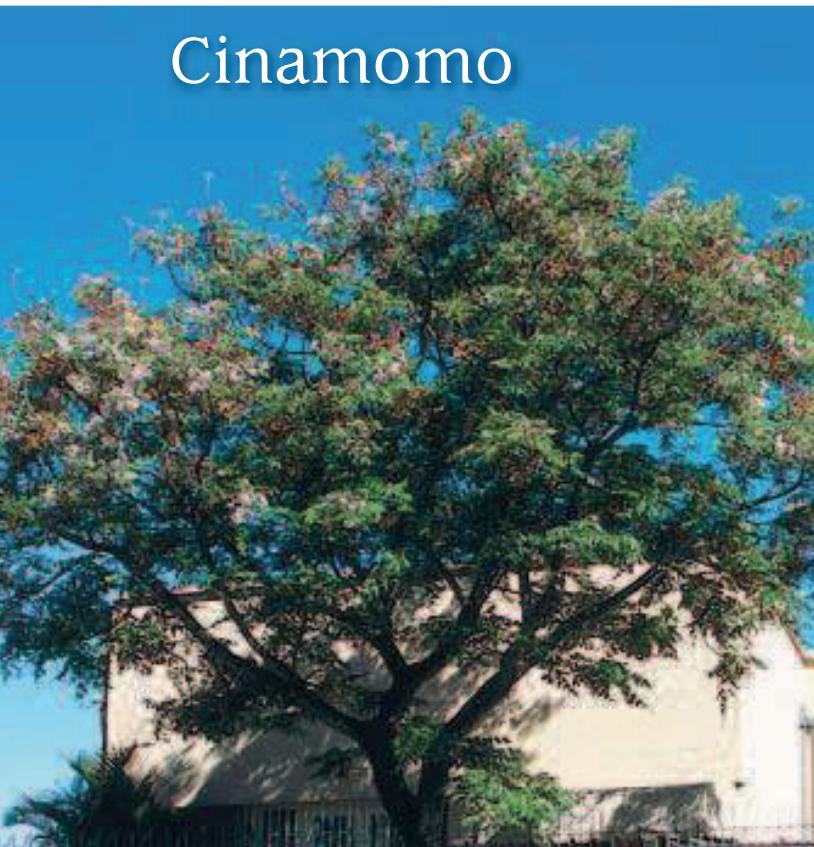
flores: de cores variadas, com 5cm, no verão

frutos: pequenas cápsulas arredondadas, com 0,5cm, maduras no outono

sementes: do tamanho de uma cabeça de alfinete

onde encontrar: Ruas Bom Jesus (Cabral), Paula Gomes e Pres. Carlos Cavalcanti, ambas no Centro.

Cinamomo



O cinamomo é uma das espécies mais antigas na arborização da cidade. Seus frutos facilitam a identificação

Sabe o que é estilingue, cetra, funda, bodoque? Os frutos verdes do cinamomo -ou santa-bárbara- eram uma das munições preferidas desse antigo brinquedo. Que o digam incontáveis vidros de janelas quebrados ou os pescoços de pobres passarinhos. Talvez por isso, também fossem usados como contas de rosário ou amuletos religiosos, por mães preocupadas.

Como uma marca registrada, essas bolinhas -amarelas, ao amadurecer- dão o maior charme ao cinamomo e ajudam a identificá-lo, logo de cara. Guardadas em álcool durante uma semana, viram inseticida contra pulgões, cochonilhas e outras pragas de plantas ornamentais. As folhas espantam pulgas e traças.

Apesar de vir da China e da Índia, o cinamomo engrossa a enorme família do cedro brasileiro e tem madeira parecida com a dele. Bonita, leve e perfumada, não dá cupim e se presta a carrocerias, instrumentos agrícolas, caixas e fósforos. Devido ao porte distinto, boa sombra e resistência ao frio, é uma das árvores mais abundantes nas áreas públicas da cidade.

nome científico: *Melia azedarach*

características principais

folhas: caducas, verde-claras, com 30 a 40cm

flores: pequenas, de cor lilás-rosada

frutos: bolinhas amarelo-avermelhadas com 1,5cm, no outono e inverno

onde encontrar: Praça Rui Barbosa. Ruas Ubaldino do Amaral (Alto da 15) e Dr. Faivre. Av. Desembargador Westphalen (ambas no Centro).

Pau-ferro

Era de pau-ferro que os tupis faziam as clavas com que golpeavam o crânio do inimigo. E não à toa: sua madeira é mesmo dura de lascar. Mas esse nome também se refere à cor da casca, que vai do branco, da novinha em folha, ao cinza, quando fica velha e solta lâminas de aparência metálica.

Se a madeira é durona, a folhagem tem aparência delicada. No fim do verão, a copa frondosa do pau-ferro se cobre de miniaturas de flores, feito bolinhas amarelas, e fica ainda mais charmosa. Nativo das florestas secas do interior do sudeste do Brasil, em Curitiba ele se deu bem em alguns locais, como na rua Luiz Leão, sobre o rio Belém, entre o Colégio Estadual do Paraná e o Passeio Público. Por sinal, valem uma conferida.

nome científico: *Caesalpinia leiostachya*

características principais

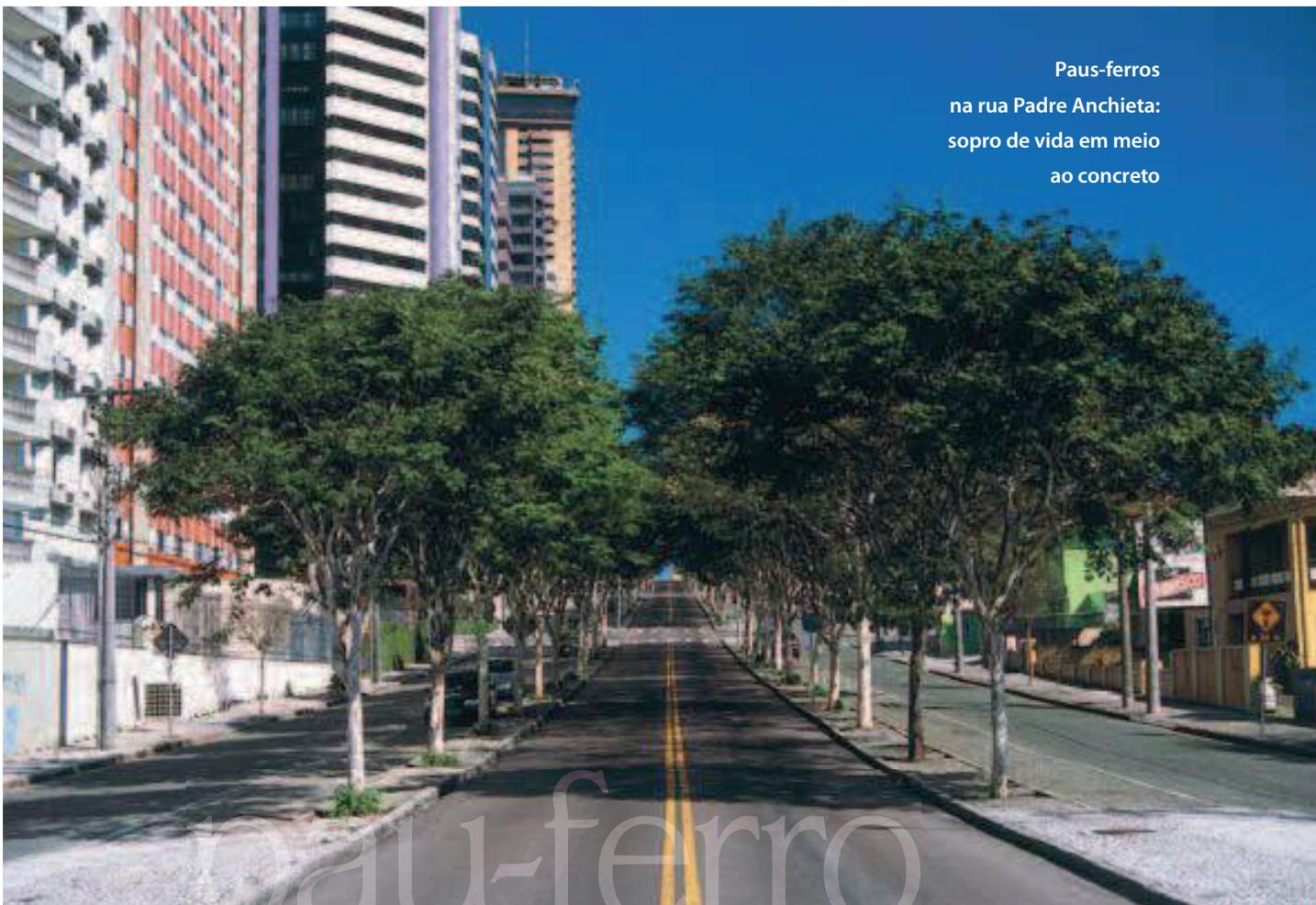
folhas: caducas, com cerca de 12cm e folíolos de 1cm

flores: amarelas-limão, pequenas e redondas, no verão

frutos: legumes escuros, quebráveis com martelo

sementes: pequenos feijões marrom-claros

onde encontrar: Ruas Padre Anchieta e Desembargador Westphalen. Na praça Tiradentes, perto dos tubos, há um exuberante exemplar, protegido por lei.



Paus-ferros
na rua Padre Anchieta:
sopro de vida em meio
ao concreto

Plátano

Plátanos do Passeio Público e seus frutos: lembrança de épocas galantes

O plátano foi alvo de pesadas polêmicas no passado, quando era das árvores mais cultivadas nos logradouros públicos da cidade. A raiz do problema estaria nos frutos, pequenas bolas espinhentas cujo pó, ao amadurecerem, irritava os olhos das pessoas ou as fazia espirrar. Até de causar câncer acusaram o coitado.

Mesmo banidos de diversos recantos, os plátanos remanescentes continuam a encantar o público com seu porte majestoso e a casca inconfundível, que mescla tons de marrom, bege e cinza. Ou, principalmente, pela suave e fascinante transformação na cor das suas folhas, que passam por diferentes tons de marrom, verde, amarelo e alaranjado antes de caírem.

nome científico: *Platanus acerifolia* (*Platanus*: em alusão ao aspecto largo e plano de suas folhas; *acerifolia*, devido às folhas parecidas com a do ácer, da bandeira do Canadá)

características principais

folhas: caducas, com 15 a 20cm, lembram estrelas

flores: pequenas, pouco vistosas

frutos: bolinhas espinhentas de 3 a 5 cm

onde encontrar: Na pracinha do bosque do Papa há plátanos respeitáveis, com enormes barbas-de-bode brancas. Na praça Eufrásio Correia, formam um semi-círculo, no centro. Os mais famosos são do Passeio Público: há anos, alguns tiveram o tronco "cimentado" para não apodrecer. Como não duram para sempre, infelizmente, agora estão condenados e não se sabe quantos restarão.



Pau-brasil

O pau-brasil nunca quis ser o primeiro, mas não teve jeito. Foi a primeira riqueza explorada pelos portugueses na terra recém-descoberta, e seu primeiro monopólio estatal. Primeira matéria-prima exportada, primeiro produto contrabandeado e nosso primeiro ciclo econômico. Até se tornar, finalmente, a primeira espécie em extinção.

Por tamanha primazia, o pau-brasil -que crescia feito mato do Rio de Janeiro ao Ceará- acabou no vermelho. Isso porque, desde tempos imemoriais, a cor do sangue e do fogo atíça a imaginação das pessoas. Diversos povos atribuíam poderes mágicos e espirituais a ela. Os velhos alquimistas pesquisavam formas de obtê-la. Rara, era cara.

Os exploradores mandaram brasa no pau-brasil, de onde tiravam a brasileína, corante para tingir tecidos e fazer tinta de escrever. Séculos e séculos a fio nos machados portugueses, franceses e holandeses quase riscaram do mapa o símbolo de nosso país, chamado pelos índios de ibirapitanga, ou madeira vermelha. A repressão ao seu contrabando acelerou o povoamento do litoral.

Como não suporta frio, o pau-brasil é mais raro ainda em Curitiba, havendo pouquíssimos exemplares. Tem folhas e frutos espinhentos e flores amarelas, perfumadas. De sua madeira são feitos móveis de luxo e, principalmente, arcos de violino e instrumentos musicais.

nome científico: *Caesalpinia echinata*
características principais

folhas: perenes, com 10 a 15cm, verde-escuras e brilhantes com espinhos nos raminhos

flores: amarelas, pequenas e numerosas, em cachos perfumados

frutos: vagens verdes espinhentas, com 5 a 10cm

sementes: em forma de disco de 1cm

onde encontrar: Em frente à prefeitura (Centro Cívico) e na rua dos Funcionários, em frente à Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Juvevê).



Pau-brasil em frente à prefeitura: clima da cidade não favorece o crescimento

Timbaúva

Você já deve ter ouvido falar na “orelha-de-negro”. É o nome mais popular dessa fascinante árvore e se refere aos frutos escuros e recurvados, em forma de orelha, que se penduram em seus galhos no outono e persistem ao longo do inverno. Por conterem saponina, são usados como sabão. Os tupis a chamam de árvore da espuma.

A timbaúva se destaca pelo tronco curto, largo e a copa com aparência de guarda-chuva. Enfeita várias praças da cidade e fornece uma das melhores madeiras para canoas de “um tronco só”. Leve e branca, também é usada em taboados e cobertura de ranchos.

nome científico: *Enterolobium contortisiliquum* (*Enterolobium*: vagem retorcida em forma de intestino; *contortisiliquum*, siliqua retorcida).

características principais

folhas: caducas, com folíolos muito pequenos, verde-escuros

flores: brancas, pouco expressivas

frutos: escuros, quase pretos, com formato que lembra uma orelha

onde encontrar: Parque São Lourenço, Passeio Público e alto da rua Carlos de Carvalho (Bigorriho), onde existe um exemplar imune ao corte.

Álamo

Há quem prefira chamá-lo de choupo ou pópulo. Para os portugueses, é a árvore mais ligada ao ser humano. O sussurrar de suas folhas ao vento se assemelha à voz da multidão: *populu* quer dizer povo, em latim. Devido à agitação dos ramos, recebeu o singelo apelido de língua-de-sogra.

O pópulo é a árvore mais cultivada para a fabricação de palitos de fósforos. Adaptou-se bem ao sul do Brasil. A madeira, resistente à umidade, também serve à construção naval e civil. Dizem que dela saiu o primeiro perfume artificial. Assim como o chorão, a casca do álamo também contém ácido acetilsalicílico, usado em analgésicos.

nome científico: *Populus nigra*

características principais

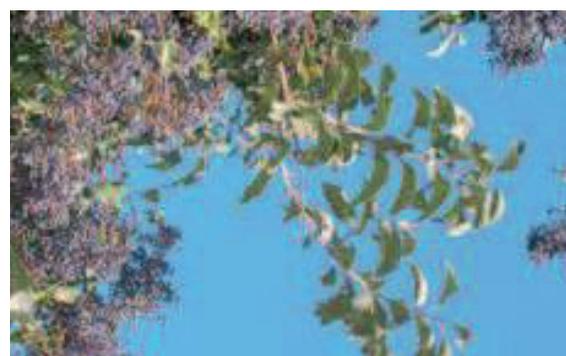
folhas: caducas, verde-claras e brilhantes, em forma de coração

flores: brancas

frutos: pequenos, em cachos, parecem minúsculos flocos de algodão

onde encontrar: Rua Visconde de Nácar, entre a Carlos de Carvalho e a Emiliano Pernetá (Centro). Praça 29 de Março, na lateral da rua Martin Afonso.

Alfeneiro



Alfeneiro na Água Verde:
devido aos inúmeros frutinhas,
a espécie se reproduz facilmente

Rua dos Alfeneiros, 4, é o endereço de Harry Potter, no começo da série bilionária. Assim como o bruxinho de óculos, o alfeneiro desperta bons e maus sentimentos ao redor do planeta. A maioria gosta dele, por ser uma árvore elegante,

simpática e de flores perfumadas. Por outro lado, dá um monte de frutinhas roxas que ninguém consegue engolir, a não ser os passarinhos, que depois espalham sementes por todo canto. Aí começa a história.

De índole rústica, o alfeneiro -também conhecido como ligustro- brota facilmente nas ruas, jardins, terrenos baldios e até nos restos de florestas nativas. Ou seja, virou árvore invasora. E, embora tenha sido uma das primeiras espécies usadas na arborização da cidade, acabou perdendo essa finalidade. O que não significa que não haja ligustros a dar com o pé por aí. Inclusive na outra rua dos Alfeneiros, no bairro da Barreirinha, em meio a outras espécies.

Enfim, deve ter algum ligustro perto de você, tentando se multiplicar. Se quiser conhecer um sortudo, que foi poupado da voracidade do asfalto e sobrevive bravamente no meio da rua, fica na esquina da Mateus Leme com a Fernando Barroso, no Centro Cívico.



nome científico: *Ligustrum lucidum*

características principais

folhas: perenes, simples, opostas, verde-escuras e brilhantes

flores: bege-claras, abundantes e perfumadas

frutos: pequenos e arredondados, roxos, em cachos

onde encontrar: Avenida Vicente Machado (Batel e Centro). Ruas Trajano Reis (São Francisco), Mateus Leme (Centro Cívico), Almirante Tamandaré e Itupava (ambas no Alto da 15).

Pinus

A pesar da aparência serena e discreta, pouca gente é fã do pinus. Seu rápido crescimento e a boa adaptação às condições locais fizeram dele a principal matéria-prima para fabricação de papel e celulose. É cultivado em vastas áreas homogêneas que parecem sem vida diante da exuberância das florestas nativas. De tão rústico, virou espécie invasora, um contaminador biológico dos campos paranaenses.

O pinus vem da América do Norte e há três espécies espalhadas pela cidade: *elliottii*, *taeda* e *patula*, bastante parecidas entre si, com a diferença de que as pinhas do *elliottii* são maiores e menos espinhosas que as do *taeda* e do *patula*. Já o *patula* chama a atenção pelas folhas curvadas para baixo.

nome científico: *Pinus elliottii*, *Pinus taeda*, *Pinus patula*

características principais

folhas: perenes, em forma de agulha, dispostas em feixes, verde-escuras

frutos: pinhas, com pequenas sementes aladas

onde encontrar: Rua dos Funcionários, no setor de Agrárias da UFPR.

Cerejeira-do-japão

Símbolo de nossos antípodas (as pessoas que vivem exatamente no outro lado do mundo), a cerejeira é árvore sagrada no Japão, conhecida como *sakura*, e, possivelmente vem da China. Sua deslumbrante floração rósea dura pouco tempo e, por isso, acabou associada à vida dos samurais, durante as guerras.

Com sua delicadeza, ela ganhou o mundo. Inúmeras canções tradicionais destacam os encantos da *sakura*, que sempre faz parte dos *ikebanas*, ou arranjos florais. Para comemorar o início da primavera, os japoneses costumam comer e beber debaixo das cerejeiras.

nome científico: *Prunus campanulata*

características principais

folhas: caducas, verde-escuras

flores: pequenas e róseas

frutos: pequenos e carnosos

casca: avermelhada e lisa

onde encontrar: Praça do Japão. Entrada principal do Jardim Botânico. Entrada do parque Tanguá. Rua das Flores (entre Barão do Rio Branco e Monsenhor Celso). Jardim da Assembléia Legislativa.

Eucalipto

Existem mais de 700 espécies de eucalipto, que variam de modestos arbustos às árvores mais altas do planeta. Vindos da Austrália e ilhas vizinhas, os primeiros exemplares chegaram a Curitiba em 1875, através da Associação de Aclimação, para drenar áreas alagadas, antigamente bastante comuns por essas plagas.

Por causa disso e por crescer rápido, o eucalipto ajudou muita gente a tirar o pé da lama. Nos anos 80, o Brasil já era, e continua sendo, o maior produtor mundial dessa madeira, usada para celulose, construções, embarcações, marcenaria, dormentes, postes, lenha e carvão.

Não faz muito tempo, havia quem parasse, de manhãzinha, sob os eucaliptais, só para respirar fundo e usufruir de suas propriedades medicinais. O vapor das folhas combate asma, sinusite e desinfeta ambientes e o chá ataca a pneumonia, tuberculose, gripe e rinite. O óleo é antisséptico e estimulante, e o mel, inconfundível.

.....
nome científico:

Eucalyptus spp

características principais

folhas: perenes, aromáticas

frutos: pequenas cápsulas lenhosas, perfumadas

.....

onde encontrar:

Passeio Público.

Jardim Botânico.

Horto do Guabirota.

**Eucalipto na esquina da avenida
N. Sra da Luz com Augusto Stresser:
a árvore mais grossa da cidade**



Tamareira

Dizem que da tamareira, nada se perde. Natural da Índia e símbolo do Oriente, essa árvore ornamental fornece matéria-prima para mais de 800 produtos. Adornava os maravilhosos Jardins Suspensos da Babilônia e participa de várias passagens bíblicas. Há mil anos, representava o triunfo. Reza a tradição que Jesus foi recebido em Jerusalém com folhas de tamareira.

Comum no deserto, forma os oásis e pode chegar aos 30m de altura. Já sugeriram o plantio de tamareiras para solucionar os problemas do Nordeste. Seus frutos, nutritivos e saborosos, duram anos, depois de secos. Foram aclimatadas em Santa Catarina e no interior de São Paulo.

nome científico: *Phoenix dactylifera*

características principais

folhas: perenes, grandes, com mais de 1m, verde-escuras, parecem um leque

flores: brancas

frutos: coquinho, marrom

onde encontrar: Possivelmente, as duas únicas em área pública estão na praça Eufrásio Correia, protegidas pelo município.

Uva-do-japão

Chega a ser quase enjoativa, de tão doce, mas tem quem goste. Passarinhos e animais também se fartam dos ramos dessa árvore, que incham e se tornam suculentos, perto dos frutos, depois da floração. O detalhe é que essa espécie de uva, ou banana, como preferem alguns, não é o verdadeiro fruto, o qual parece uma cápsula, não-comestível.

Nativa da China e do Japão, foi bastante cultivada em muitos países porque cresce rápido. E se espalhou depressa, alterando ambientes naturais. É considerada invasora, devido à grande dispersão de seus frutos pelas aves. Pode ser vista praticamente por toda a cidade.

nome científico: *Hovenia dulcis*

características principais

folhas: caducas, verde-claras

flores: pequenas, verde-claras, cujos ramos são carnosos e comestíveis

frutos: cápsulas do tamanho de uma ervilha

onde encontrar: Bosques do Papa e de Portugal.

Carvalho-europeu

O carvalho-europeu provavelmente é a árvore mais importante no Hemisfério Norte. Associado a cerimônias milenares, sua tradição se mescla à cultura e ao imaginário daqueles povos. Símbolo de força, mais recentemente, o inconfundível recorte de suas folhas ilustra histórias em quadrinhos do impagável Asterix.

Pouco tempo atrás, o carvalho-europeu, ou alemão, era comum em Curitiba e alguns deles, vindos na bagagem dos primeiros imigrantes, chegaram a fazer história. Hoje, praticamente saiu de cena. Pertence à família da castanheira-portuguesa e sua excelente madeira se presta para móveis de luxo e à fabricação dos famosos tonéis para armazenar bebidas.

nome científico: *Quercus robur*

características principais

folhas: caducas, verde-claras e graciosamente recortadas

flores: brancas

frutos: pequenas castanhas, chamadas bolotas

onde encontrar: Rua Bom Jesus, em frente ao IPPUC, no pátio do curso de Comunicação Social da UFPR. Av. N. Sra. da Luz, 1900 (Jardim Social).

Carvalho-da-cortiça

No caso do carvalho-da-cortiça, ou sobreiro, o nome diz tudo. Das mais de 600 espécies de carvalho nativas acima da linha do Equador, é das primeiras a serem lembradas. Isso porque sua casca fornece a cortiça, material de inúmeras aplicações, sendo a fabricação de rolhas a que mais se destaca.

Originário da região mediterrânea (Portugal, Espanha e norte da África), o sobreiro tem suas maiores plantações em terras lusitanas, que respondem por metade da produção mundial de rolhas.

nome científico: *Quercus suber*

características principais

folhas: caducas e verde-claras

flores: brancas

frutos: pequenas castanhas, chamadas bolotas

onde encontrar: Na rua Bom Jesus, próximo à entrada do curso de Comunicação Social da UFPR, em frente ao IPPUC, há um exemplar imune ao corte.

Castanheira-portuguesa

Por dar frutos deliciosos, a castanheira, também originária da região mediterrânea, passou a ser cultivada no mundo inteiro. Cozidas, assadas ou frescas, as castanhas foram a base alimentar de vários povos europeus desde a Idade Média e até hoje são vendidas quentinhas na rua. No Brasil, costumam ser mais lembradas no Natal.

A castanheira pode viver mil anos e fica oca quando envelhece. Ramifica-se a pequena altura e forma troncos tortuosos, sob a copa abundante. É de castanhas que se faz marrom-glacê, elas ficam dentro de bolas redondas com longos espinhos, chamadas de ouriços.

nome científico: *Castanea sativa*

características principais

folhas: caducas, verde-escuras e brilhantes

flores: brancas, reunidas em cachos

frutos: espinhosos, no seu interior se encontra a castanha

onde encontrar: Na rua Bom Jesus, no pátio do IPPUC, há quatro magníficos exemplares, protegidos por lei.

Palmiteiro

Um palmitinho sempre vai bem. Tanto que tem sido violentamente predado e jamais deve ser consumido caso não se conheça sua procedência. É outra elegante palmeira paranaense, que cresce tranqüilamente no litoral e no norte do estado, onde está livre das geadas.

A parte comestível nada mais é que a bainha das folhas novas, antes de abrirem. Na praça Carlos Gomes há vários palmiteiros bem antigos, e mais alguns na Tiradentes. Por serem muito velhos, vale apenas a beleza da árvore: quem tentar comer, pode acabar em cana.

nome científico: *Euterpe edulis* (*Euterpe*: uma das nove musas de Apolo, na cultura grega; *edulis*: comestível)

características principais

folhas: perenes, com mais de 1m, verde-claras

flores: amareladas

frutos: violáceos

onde encontrar: Praças Tiradentes e Carlos Gomes (ao redor do laguinho).

foto pág. 74

Cipreste

O cipreste acabou conhecido como cedro, mas é apenas mais uma dentre as inúmeras espécies de sua família -*Cupressaceae*. Geralmente associado à meditação e ao recolhimento, costuma embelezar a entrada de cemitérios e seus galhos simbolizam o luto. Mesmo assim, pode ser visto em vários cantos da cidade.

A espécie mais comum por aqui foi trazida pelos portugueses, embora seja originária do México. É conífera, como a araucária, e não tem nada a ver com o cedro nativo. Como cresce rápido e fecha bem o espaço, o cipreste é muito usado feito cerca-viva. Em plena liberdade, chega a passar dos 30m de altura e 1m de diâmetro.

O cipreste fornece madeira branca, leve e cheirosa. Não dá flores e sim cones masculinos e femininos, estes em forma de graciosas bolinhas lenhosas, cinzentas e cheias de gomos



Cipreste no Jardim Botânico:
uma das várias espécies chamadas de cedro

nome científico: *Cupressus lusitanica* (*Cupressus*: devido às folhas compridas; *lusitanica*, por ter sido descrito em Portugal)

características principais

folhas: perenes, minúsculas, com 0,2cm, triangulares e muito cheirosas

sementes: marrons, em forma de disco, com cerca de 0,3cm

onde encontrar: Praça João Cândido (São Francisco). Jardim Botânico. Na entrada do bosque Reinhard Maack formam uma alameda, plantada pelos antigos proprietários.

Árvores e ruas

*As árvores são fáceis de achar,
ficam plantadas no chão
...As árvores ficam paradas,
uma a uma enfileiradas.*

“AS ÁRVORES” - JORGE BENJOR E ARNALDO ANTUNES

Aqui você tem uma lista com algumas ruas e as principais árvores encontradas nelas. Nos casos em que a variedade de espécies é muito grande, seguem apenas aquelas que predominam. Exceto onde indicado, a direção é Bairro-Centro:

Rua 15 de Novembro

Alfeneiro, da rua Padre Germano Mayer até a Ubaldino do Amaral.
Extremosa e hibisco até a rua Tibagi.

Rua das Flores

Ácer, em frente e ao redor dos Correios.
Ipê-amarelo (*T. chrysotricha*), na primeira quadra.
Cerejeira-do-japão: segunda quadra, até Mons. Celso.
Aroeira-mole, na terceira quadra.
Nenhuma árvore na quarta quadra.
Pata-de-vaca (*B. variegata*): quinta quadra (do Bondinho).

Avenida Luiz Xavier

Ipê-amarelo (*T. chrysotricha*), *aleluia-amarela* e *duas corticeiras*.

Avenida Marechal Deodoro

Ácer desde a rua José de Alencar até a Ubaldino do Amaral.
Ipê-roxo e alfeneiro até a rua Tibagi.
Ácer e jacarandá-mimoso até a Dr. Muricy.

Avenida Visconde de Nácar

Pópulo, no canteiro central, entre a Carlos de Carvalho e a Emiliano Pernetá.

Rua Comendador Araújo

Ipê-roxo.

Avenida Marechal Floriano

Ácer e sibipiruna, entre a avenida Marechal Deodoro e praça Carlos Gomes.

Rua Monsenhor Celso

Nenhuma árvore.

Rua Barão do Rio Branco

Dedaleiro e aleluia-amarela em quase toda a extensão.

Rua Dr. Muricy

Nenhuma árvore.

Avenida Desembargador Westphalen (Centro-Bairro)

Pau-ferro, cinamomo e sibipiruna até a rua André de Barros.

Extremosa em frente ao Cefet.

Predominam *extremosa e cinamomo* até a avenida Kennedy.

Ipê-amarelo (*T. chrysotricha*) depois da avenida Kennedy.

Rua Comendador Roseira

Tipuana

Avenida 24 de Maio (Centro-Bairro)

Poucas *extremosa*, até a avenida Kennedy.

Avenida Getúlio Vargas

Tipuana.

Rua Tibagi

Nenhuma árvore.

Largo Bittencourt (em frente ao Círculo Militar)

Paineira e grevilha.

Rua Amintas de Barros (Centro-Bairro)

Ácer até a rua Ubaldino do Amaral.

Extremosa, depois.

Rua Schiller – Jardim Ambiental

Tipuana.

Rua Padre Germano Mayer

Ipê-roxo.

Rua Fernando Amaro

Tipuana.

Rua Ubaldino do Amaral

Cinamomo e pau-cigarra.

Rua Itupava

Alfeneiro.

Rua Presidente Carlos Cavalcanti (Centro-Bairro)
Jacarandá-mimoso, tipuana e plátano, no Passeio.
Nenhuma árvore até a rua Trajano Reis.
Extremosa da rua Trajano Reis à avenida Manoel Ribas.

Rua Luiz Leão
Pau-ferro. No Passeio Público, *plátano*.

Avenidas Barão do Serro Azul e Cândido de Abreu (Centro-Bairro)
Ipê-roxo, próximo ao Centro Cívico; poucas *extremosa*.

Rua Mateus Leme
Alfeneiro.

Rua Paula Gomes
Extremosa.

Rua Trajano Reis
Alfeneiro.

Rua Saldanha Marinho
Nenhuma árvore, no Centro.

Largo Frederico de Oliveira
Jacarandá-mimoso.

Alameda Dr. Carlos de Carvalho
Extremosa.

Rua Visconde do Rio Branco
Tipuana até a rua Saldanha Marinho.

Largo Cel. Joaquim P. de Macedo
Corticeira.

Rua Martin Afonso
Extremosa, ácer, araçá, do Centro até a praça 29 de Março.

Rua Des. Otávio do Amaral
Peroba-rosa, entre a rua Padre Agostinho e a Cândido Hartmann.

Árvores do passado

A maioria das árvores morre assassinada. Outras, se vão naturalmente, com o tempo. Conheça aqui algumas que marcaram a vida curitibana em suas épocas:

Carvalho-alemão

Plantado em frente à Escola Allemã, inaugurada em 1892, e depois chamada de Colégio Progresso. Marco da cultura germânica, destacava-se pelo porte monumental, na esquina da avenida Barão do Serro Azul com a rua Inácio Lustosa. Dava frutos e ficou na memória dos alunos e de seus contemporâneos, numa época em que os carvalhos eram mais comuns na cidade. Foi ao chão no início dos anos 40, junto com a escola, para alargamento da avenida. A foto é de 1940.

Arthur Wischnal / Acervo Casa da Memória



Álamo da Silva Jardim

Imune ao corte, acabou sacrificado depois que começou a inclinar para o lado da calçada, na esquina com a Conselheiro Laurindo. Serrado em 2001, a três anos do primeiro centenário, ainda não tem substituto. Foi alvo de várias reportagens. Poucos lembram de seu irmão gêmeo que ali perto, ao lado da linha do trem, não teve a mesma sorte: derrubado sem justificativa, apodreceu em silêncio há uns vinte anos.

Carvalho do Passeio

Dizem que foi plantado pelo Visconde de Taunay em 1886, pouco depois da inauguração do Passeio Público. Próximo à entrada da rua Presidente Faria, a caminho do restaurante Lá no Pasquale, era cercado de bancos de madeira e reunia um público fiel. Tinha plaquinha de bronze e tudo e cerca de 109 anos em 1995, quando caiu e foi reerguido. O tronco sem vida permanece ali. Seu sucessor, plantado logo em seguida, parece envelhecido antes do tempo.

Pópulo do Portal

Contava cerca de 80 anos e 18m de altura em 2002, quando já era tombado e sofreu uma poda radical para evitar a queda sobre a avenida Manoel Ribas, junto ao portal de Santa Felicidade e ao parque Barigui. Plantado por imigrantes italianos, conseguiu a proeza de ser atingido duas vezes por raios e estava oco. Chegou ao fim pouco depois do álamo da Silva Jardim. Em seu lugar foi colocado outro, com 12 anos e 10m de altura.

Aida levantar vôo num balão que acabou pendurado nas torres da Catedral. Dois anos mais tarde, na Ilha da Ilusão*, os escritores simbolistas -que adotaram o sapo como emblema- laureavam o poeta Emiliano Pernetá, justamente desmistificado pelo jovem Dalton Trevisan nos anos 40.

Bem antes disso, o cel. Pereira Junior, comandante do 3º Regimento de Artilharia protagonizou talvez a primeira tentativa de arborização na cidade, convocando presidiários vigiados para capinar passeios que convergiam para o centro da praça Tiradentes e plantar árvores, criando pequenas alamedas. A obra levou o apelido de “caranguejo”, logo deixado para trás, e teria acontecido em 1885, segundo conta o cel. Themístocles S. Brasil, se não falhasse a memória, pois, em 1870, as árvores já apareciam com estacas nos canteiros da praça.

O respeitado estudioso Auguste de Saint-Hilaire notou pessegueiros, macieiras, pereiras e outras árvores européias nos quintais de Curitiba, em vez de mamoeiros, bananeiras e cafeeiros. E achou laranjas muito ácidas. Outro visitante ilustre foi o imperador D. Pedro II que, em 1880, esteve na estufa do Barão de Capanema, atual Jardim Botânico, onde eram cultivadas plantas nativas e exóticas sistematicamente com, por exemplo, 140 variedades de pêras e 40 de maçãs.

Enquanto isso, apesar de dizerem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, a Matriz foi atingida em 1825 e 1852, sendo que a última descarga abalou uma parede e despedaçou o cruzeiro. A queda de pedaços de reboco durante uma missa e o mau-cheiro causado pelo costume de se enterrarem os defuntos nos muros da igreja, prestes a ser interditada, levaram à sua demolição e à construção da Catedral, inaugurada em 1893.

Bosques em leilão

Em 1900, depois de muito se andar pela rua Aquidabã (Emiliano Pernetá) chegava-se a um lugar recém-chamado de Batel, onde havia um frondoso bosque de pinheiros e um hotel. Em 1938, o sanitarista Dirceu de Lacerda, que achava os plátanos horripilantes, protestava: “O pitoresco bosque da Providencia, no arrabalde do Batel, está sendo retalhado e vendido em lotes...Enquanto os francêses se orgulham de seu famoso Bois de Bologne, nossos bosques são vendidos em leilão. É lamentável”.

Para suprir as necessidades energéticas da cidade, em 1901 foi inaugurada a usina termoelétrica do Capanema (na atual estação Rodoferroviária), que durante 38 anos consumiu milhões de metros cúbicos de madeira em suas fornalhas. Indiferente ao fato, em 1927 a personagem conhecida como Maria Balão costumava tomar banho nua no chafariz da praça

* Onde poetas costumavam se reunir. Fica em frente ao Aquário, com acesso pela ponte pênsil.

Osório, diante das palmeiras jerivás e da sociedade chocada.

“As ruas de Curityba, largas e direitas, obedecem a um plano de extensão já estudado e planejado. As ruas largas teem arborisação bem cuidada. Infelizmente, porem tambem aqui o ‘Ligustro’ e outras especies exoticas teem preferencia sobre as indigenas. Dellas merece atenção a ‘Camphoreira’ (*Cynnamomum camphora*) que ornamenta bem dois largos da cidade”, relatava, em 1930, o botânico Francisco Carlos Hoehne.

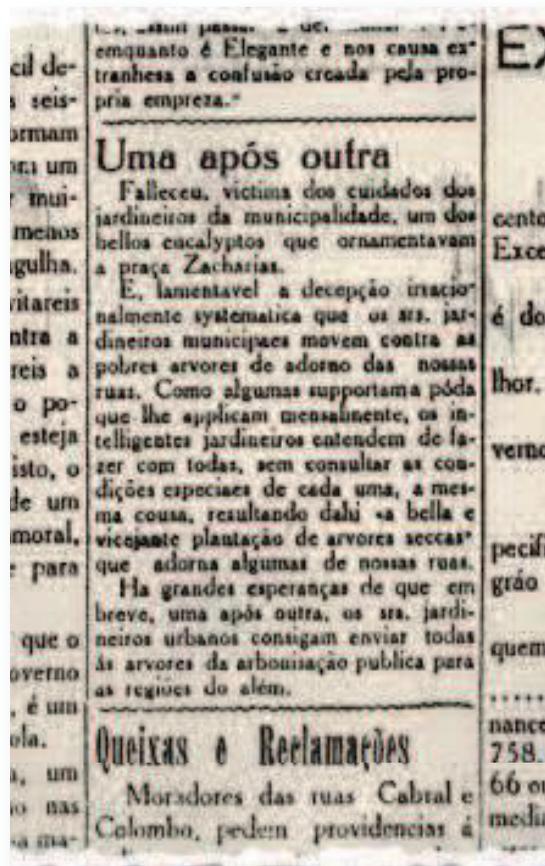
Arrojados empreendedores, em 1871 os engenheiros Rebouças construíram em Borda do Campo a primeira grande madeireira do Paraná, mas não deu pé. Com a abertura da estrada da Graciosa e a construção da estrada de ferro, poucos anos depois, aí sim, a madeira nativa escorreu feito água para o litoral.

“Se o estado não criar o mais depressa possível as reservas florestais, o Paraná se transformará de exportador de madeiras em importador de peroba, cedro, pinheiro, imbuia, marfim e outras madeiras-de-lei se tornarão raridades históricas”, alertava, em 1953, o eminente geógrafo Reinhard Maack, que descobriu o pico Paraná.

Desde o início do século passado, o engenheiro João David Pernetta e o deputado Romário Martins tentavam proteger nossas árvores nativas, incentivados pelo cientista sueco Per Karl Dusén. Não foram os últimos a defender a floresta com araucária, onde se abrigavam mais de uma centena de espécies nativas como:

Imbuia, sassafrás, ipê-amarelo, cedro, bracatinga, erva-mate, jerivá, juvevê, pitangueira, guabirobeira, aroeira, pinho-bravo, butiá, cambará, araçazeiro, tarumã, caaingá, corticeira, dedaleiro, quaresmeira, branquillo, pimenteira, açoita-cavalo, canjerana, jaboticabeira e diversos tipos de canelas.

Afinal de contas, elas são o começo e o fim de toda essa história.



Jornal Gazeta do Povo,
18 de fevereiro de 1919

Aida levantar vôo num balão que acabou pendurado nas torres da Catedral. Dois anos mais tarde, na Ilha da Ilusão*, os escritores simbolistas -que adotaram o sapo como emblema- laureavam o poeta Emiliano Pernetá, justamente desmistificado pelo jovem Dalton Trevisan nos anos 40.

Bem antes disso, o cel. Pereira Junior, comandante do 3º Regimento de Artilharia protagonizou talvez a primeira tentativa de arborização na cidade, convocando presidiários vigiados para capinar passeios que convergiam para o centro da praça Tiradentes e plantar árvores, criando pequenas alamedas. A obra levou o apelido de “caranguejo”, logo deixado para trás, e teria acontecido em 1885, segundo conta o cel. Themístocles S. Brasil, se não falhasse a memória, pois, em 1870, as árvores já apareciam com estacas nos canteiros da praça.

O respeitado estudioso Auguste de Saint-Hilaire notou pessegueiros, macieiras, pereiras e outras árvores européias nos quintais de Curitiba, em vez de mamoeiros, bananeiras e cafeeiros. E achou laranjas muito ácidas. Outro visitante ilustre foi o imperador D. Pedro II que, em 1880, esteve na estufa do Barão de Capanema, atual Jardim Botânico, onde eram cultivadas plantas nativas e exóticas sistematicamente com, por exemplo, 140 variedades de pêras e 40 de maçãs.

Enquanto isso, apesar de dizerem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, a Matriz foi atingida em 1825 e 1852, sendo que a última descarga abalou uma parede e despedaçou o cruzeiro. A queda de pedaços de reboco durante uma missa e o mau-cheiro causado pelo costume de se enterrarem os defuntos nos muros da igreja, prestes a ser interditada, levaram à sua demolição e à construção da Catedral, inaugurada em 1893.

Bosques em leilão

Em 1900, depois de muito se andar pela rua Aquidabã (Emiliano Pernetá) chegava-se a um lugar recém-chamado de Batel, onde havia um frondoso bosque de pinheiros e um hotel. Em 1938, o sanitarista Dirceu de Lacerda, que achava os plátanos horripilantes, protestava: “O pitoresco bosque da Providencia, no arrabalde do Batel, está sendo retalhado e vendido em lotes...Enquanto os francêses se orgulham de seu famoso Bois de Bologne, nossos bosques são vendidos em leilão. É lamentável”.

Para suprir as necessidades energéticas da cidade, em 1901 foi inaugurada a usina termoelétrica do Capanema (na atual estação Rodoferroviária), que durante 38 anos consumiu milhões de metros cúbicos de madeira em suas fornalhas. Indiferente ao fato, em 1927 a personagem conhecida como Maria Balão costumava tomar banho nua no chafariz da praça

* Onde poetas costumavam se reunir. Fica em frente ao Aquário, com acesso pela ponte pênsil.

Osório, diante das palmeiras jerivás e da sociedade chocada.

“As ruas de Curitiba, largas e direitas, obedecem a um plano de extensão já estudado e planejado. As ruas largas teem arborisação bem cuidada. Infelizmente, porem tambem aqui o ‘Ligustro’ e outras especies exoticas teem preferencia sobre as indigenas. Dellas merece atenção a ‘Camphoreira’ (*Cynnamomum camphora*) que ornamenta bem dois largos da cidade”, relatava, em 1930, o botânico Francisco Carlos Hoehne.

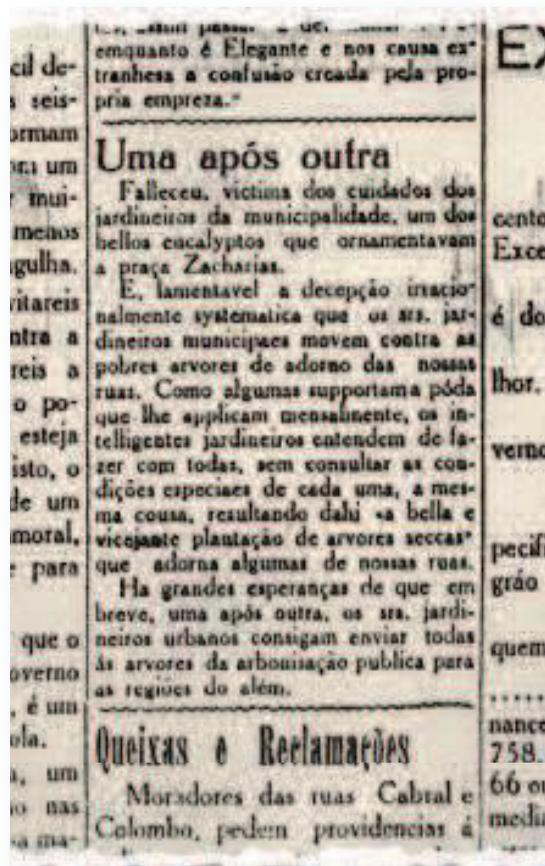
Arrojados empreendedores, em 1871 os engenheiros Rebouças construíram em Borda do Campo a primeira grande madeireira do Paraná, mas não deu pé. Com a abertura da estrada da Graciosa e a construção da estrada de ferro, poucos anos depois, aí sim, a madeira nativa escorreu feito água para o litoral.

“Se o estado não criar o mais depressa possível as reservas florestais, o Paraná se transformará de exportador de madeiras em importador de peroba, cedro, pinheiro, imbuia, marfim e outras madeiras-de-lei se tornarão raridades históricas”, alertava, em 1953, o eminente geógrafo Reinhard Maack, que descobriu o pico Paraná.

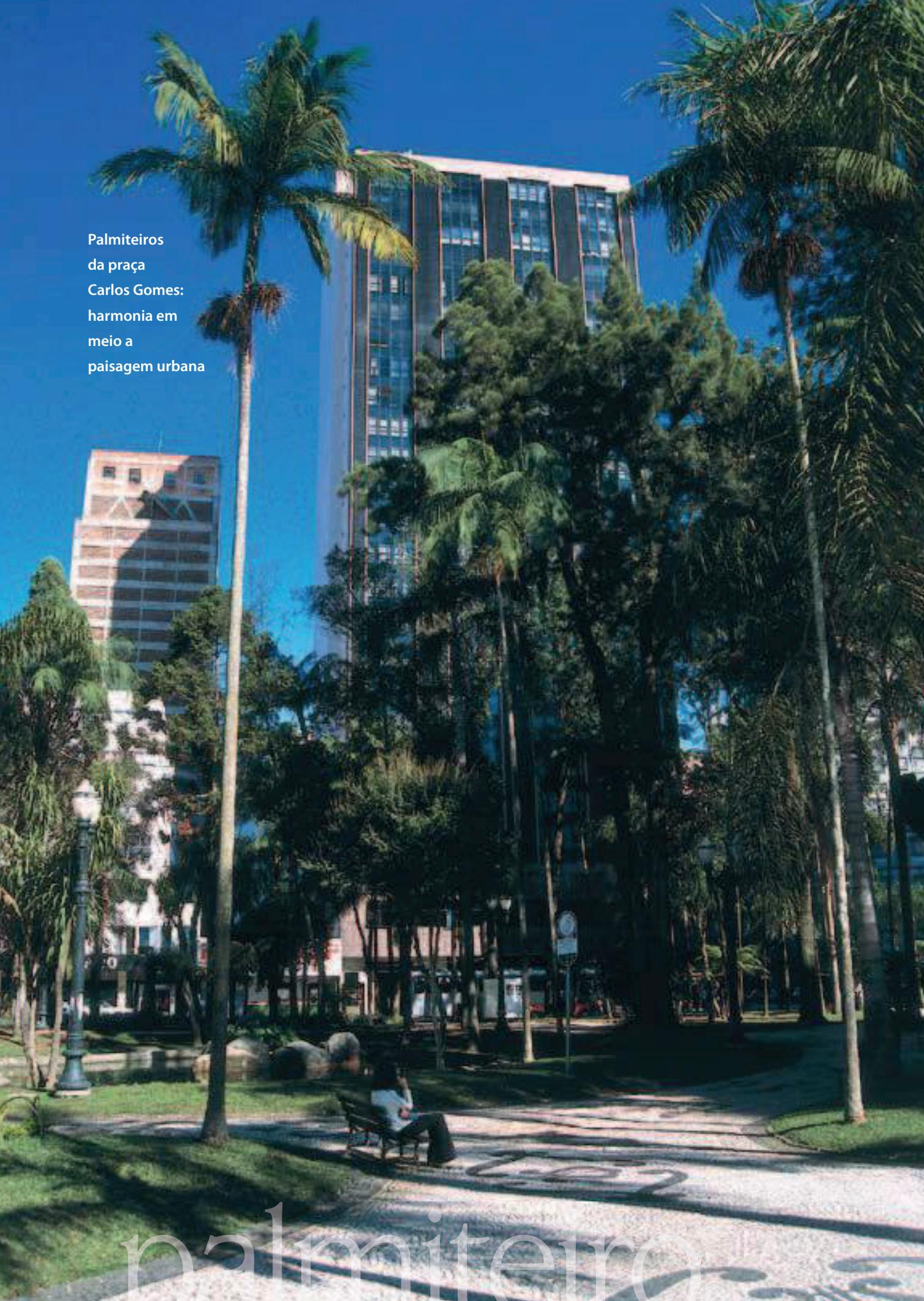
Desde o início do século passado, o engenheiro João David Pernetta e o deputado Romário Martins tentavam proteger nossas árvores nativas, incentivados pelo cientista sueco Per Karl Dusén. Não foram os últimos a defender a floresta com araucária, onde se abrigavam mais de uma centena de espécies nativas como:

Imbuia, sassafrás, ipê-amarelo, cedro, bracatinga, erva-mate, jerivá, juvevê, pitangueira, guabirobeira, aroeira, pinho-bravo, butiá, cambará, araçazeiro, tarumã, caaingá, corticeira, dedaleiro, quaresmeira, branquillo, pimenteira, açoita-cavalo, canjerana, jaboticabeira e diversos tipos de canelas.

Afinal de contas, elas são o começo e o fim de toda essa história.



Jornal Gazeta do Povo,
18 de fevereiro de 1919



Palmeiros
da praça
Carlos Gomes:
harmonia em
meio a
paisagem urbana

palmeitero

Árvores e praças

Nessas pequenas ilhas de paz entre as ruas e edifícios, crescem algumas das árvores mais interessantes da cidade. Aqui, você encontra as espécies que predominam na região central. E ainda pode conferir, uma a uma, todas as árvores das praças Santos Andrade e Eufrásio Correia.

Praça Zacarias

Jerivá, medalhão-de-ouro, ipê-roxo, angico.

Praça Rui Barbosa

Tipuanas, próximas ao colégio São José. Monjoleiros, primaveras, paineiras, corticeiras, cinamomos, mais ao centro.

Praça Osório

Jerivás, guapuruvus, paineiras, vários tipos de palmeiras, paus-marfim, patas-de-vaca exóticas e nativas, fumos-brabos, sucará, embaúba, caaingá.

Praça Tiradentes

Tem três árvores imunes ao corte. Defronte à Catedral, predominam os ipês-amarelos (*T. alba*). Também há araucárias-colunares e paineiras. Corticeira, pitangas, pinheiros, araçazeiros, falso-pau-brasil, guabiroba, palmito, nespereira, alfeneiro, dedaleiro, quaresmeira, cerejeira nativa, figueira, pau-ferro e ipês-amarelos (*T. alba*), em torno da praça.

Praça Carlos Gomes

Jerivás, palmiteiros, grevilhas, abacateiro, mangueira.

Praça José Borges de Macedo

Uma tipuana e um jacarandá-mimoso.

Praça Generoso Marques

Antigamente arborizada com canforeiras, hoje não tem nenhuma árvore.

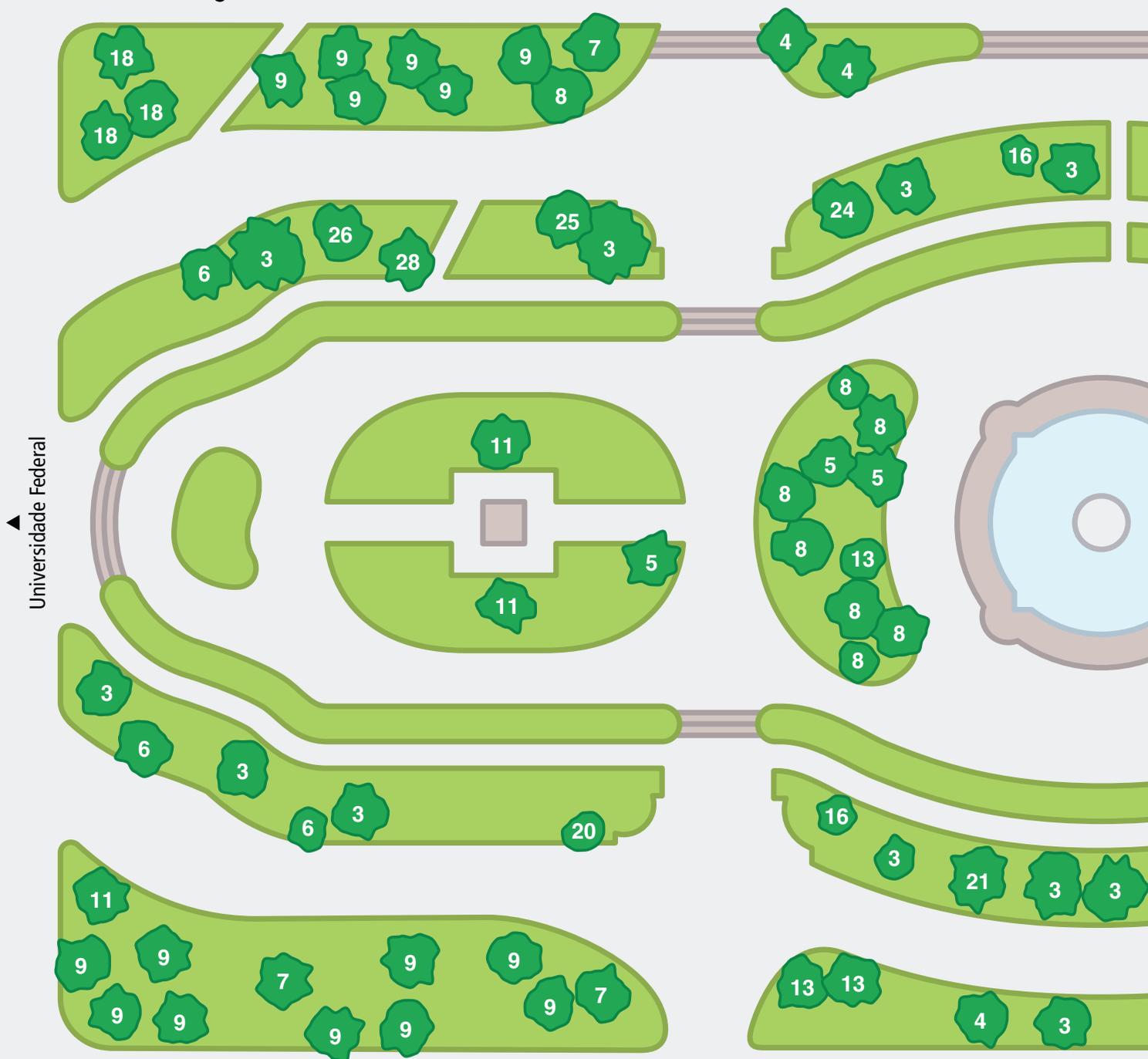
Praça 29 de Março

A face voltada para a rua Martin Afonso tem espécies exóticas plantadas pelos cônsules de nove países, nos 300 anos de Curitiba: bétula (Polônia), corticeira (Uruguai), amendoeira (Japão), carvalho (Alemanha), cipreste (Itália), flamboyant (El Salvador), picea (Suíça), ipê-roxo (Paraguai) e castanheira (Portugal). Há também um jatobá, perto da estação-tubo. E pau-marfim, cinamomos, pimenteira nativa, corticeira, pau-incenso, álamos.

Praça João Cândido

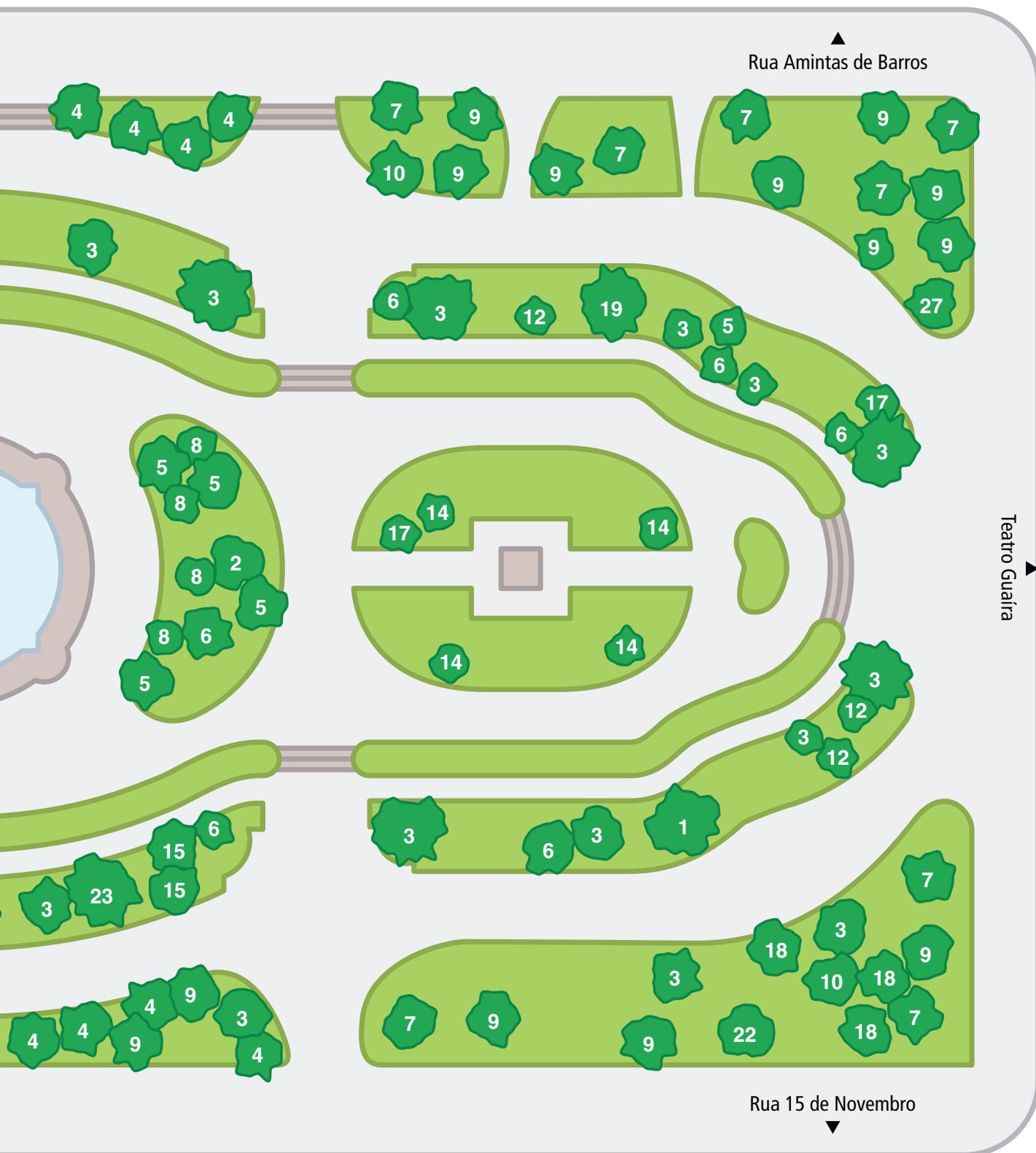
Cipreste, corticeira, paineira, pinus, pinheiro

Praça Santos Andrade

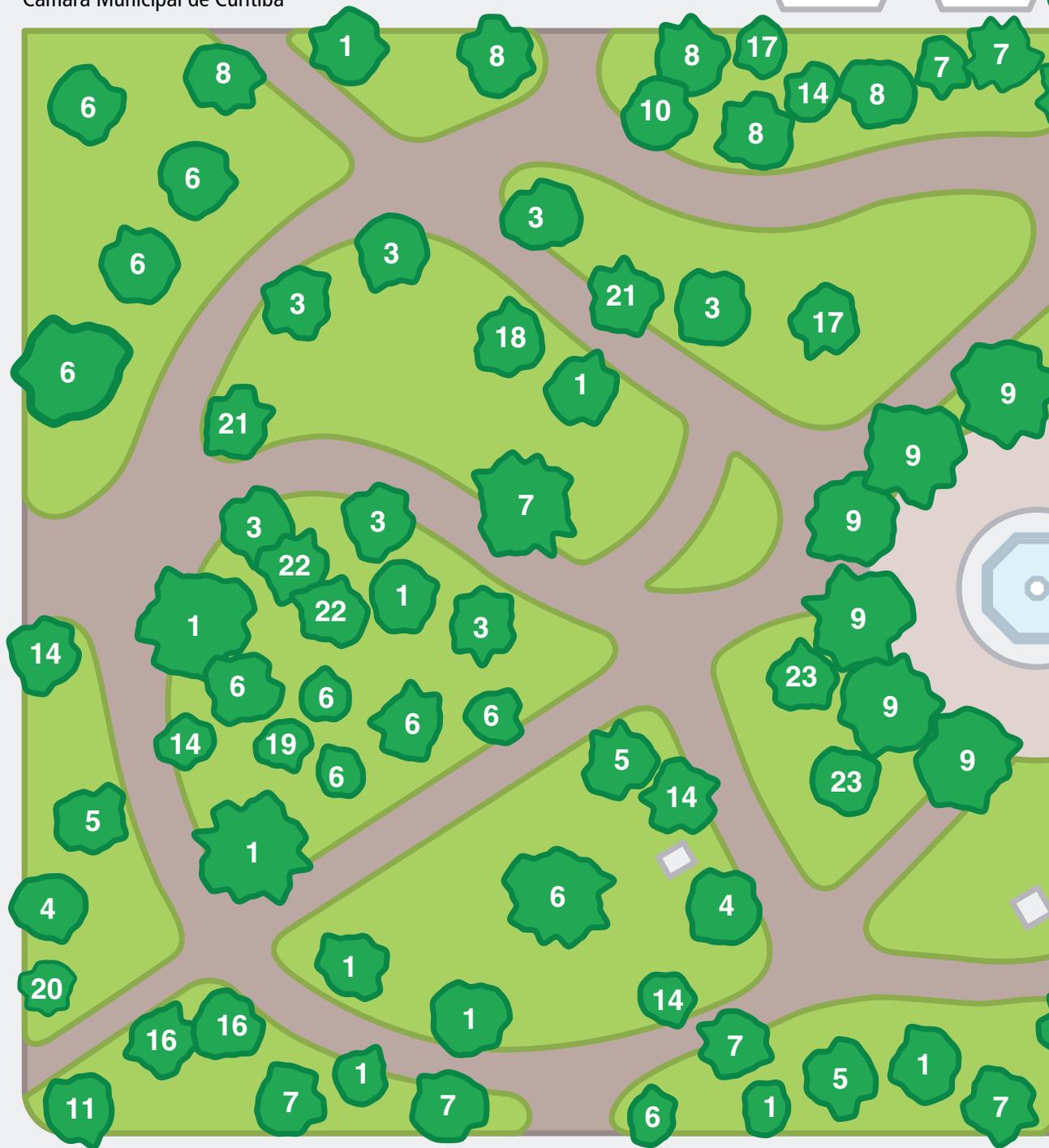


Ela foi começo de um brejo e depósito de lixo até pouco tempo depois da inauguração da Universidade Federal. Hoje, é uma das praças mais elegantes e bem arborizadas da cidade, abrigando dois exemplares imunes ao corte e importantes representantes da mata nativa. Recentemente, uma inimaginável tragédia em sua imaculada folha corrida: a queda de um pinheiro, com duas vítimas fatais. E a remoção de outra araucária e um velho carvalho-alemão.

- 1 Guapuruvu
- 2 Oliveira
- 3 Pinheiro
- 4 Ipê-amarelo
- 5 Ipê-roxo
- 6 Pitangueira



- | | | | |
|---------------------|-------------------|---------------------|----------------|
| 7 Primavera | 13 Extremosa | 19 Liquidâmbar | 25 Quaresmeira |
| 8 Ipê | 14 Uvarana | 20 Pimenteira | 26 Araçazeiro |
| 9 Medalhão-de-ouro | 15 Capororoquinha | 21 Jervá | 27 Butiazeiro |
| 10 Erva-mate | 16 Caliantra | 22 Monjoleiro | 28 Cambuí |
| 11 Palmeira exótica | 17 Pau-cigarra | 23 Jacarandá-mimoso | |
| 12 Guabirobeira | 18 Corticeira | 24 Paineira | |



Praça Eufrásio Correia

Para muita gente, ela foi a primeira visão da nova cidade. Cercada de hotéis, logo acolhia os recém-desembarcados na estação ferroviária. Junto à Câmara Municipal, seus cedros e palmeiras presenciaram inenarráveis movimentações políticas e acontecimentos históricos, como a volta dos pracinhas, depois da derrubada do nazismo. É quase uma viagem no tempo, uma das praças mais bem conservadas da cidade, e guarda três árvores protegidas.



Albergue da Juventude

Av. Sete de Setembro



- | | | | |
|---------------|--------------------|---------------------|----------------|
| 1 Cedro | 7 Tipuana | 13 Jacarandá-mimoso | 19 Butiazeiro |
| 2 Tamareira | 8 Grevilha | 14 Medalhão-de-ouro | 20 Pitangueira |
| 3 Pinho-bravo | 9 Plátano | 15 Jerivá | 21 Alfeneiro |
| 4 Pinheiro | 10 Magnólia-branca | 16 Dedaleiro | 22 Cryptomeria |
| 5 Corticeira | 11 Monjoleiro | 17 Ipê-amarelo | 23 Magnólia |
| 6 Paineira | 12 Quaresmeira | 18 Palmeira exótica | |

Árvores e parques

Nada melhor do que ir a um parque ou bosque e, entre outras coisas, respirar fundo e observar sem nenhuma pressa a fauna e a vegetação. Aqui você tem uma pequena amostra das árvores mais fáceis de serem encontradas nas principais áreas verdes de Curitiba:

Passeio Público

É o parque mais antigo da Cidade e já foi zoológico e jardim botânico. Presenciou incontáveis acontecimentos históricos e ainda hoje abriga viveiros de aves e pequenos animais.

O Passeio Público está prestes a perder cerca de uma centena de árvores, dentre elas, algumas das mais antigas, mais altas e mais queridas. Apesar disso, espera-se que continue o mesmo com os enormes jacarandás-mimosos nas laterais, plátanos, eucaliptos, paineiras, diversos tipos de palmeiras e ingás, timbaúvas, manacás, caaingás e ipês, entre outras.

Jardim Botânico

Abriga um dos mais conservados capões de mata original da cidade. Entre suas principais atrações está o arboreto, que fica do lado direito de quem estiver de frente para a estufa.

Nele, com exceção da acácia-negra, australiana; e do pau-marfim, alecrim e angico, vindos do norte do Paraná, quase todas são espécies nativas das florestas com araucária e algumas têm plaquinhas com o nome: pinho-bravo (junto à avenida Prof. L. Meissner), cedro, imbuia, aroeira, tarumã, pimenteira, sete-capotes, dedaleiro, erva-mate, uvaia, jacarandá, araticum, ingá, vacum, araçazeiro, rabo-de-bugio, pitangueira, corticeira, açoita-cavalo, cambará, guabiroba, peroba, chuva-de-ouro, quina, caroba, canjerana, sapuva.

O projeto original previa áreas que reproduzissem diferentes vegetações brasileiras. Junto ao Jardim, funciona o Museu Botânico Municipal, que possui o considerado melhor herbário do Brasil, iniciado a partir de doação do doutor Gerdt Hatschbach, seu diretor.

Bosque do Papa

Na praça central, destacam-se os plátanos. Do lado esquerdo da estátua do Papa, talvez a maior aroeira da cidade, coberta por dezenas de espécies de epífitas. No bosque, chamam a atenção os pinheiros, ciprestes e as pitangueiras gigantes. Além das uvas-do-japão e alfeneiros, ambos invasores da mata nativa.

Parque São Lourenço

Perto da entrada principal, as chuvas-de-ouro. À margem do pequeno dique, um grupo de corticeiras. Ao redor do lago, monjoleiros, timbaúbas e pinheiros-do-brejo com suas raízes expostas, onde os mais distraídos tropeçam.

Parque Tanguá

Alameda de butiás na entrada principal e jardinete de cerejeiras-do-japão. Corticeira-do-brejo na entrada de baixo, ao lado do lago, perto do estacionamento dos fundos.

Parque Tingui

Tipuanas e ipês-amarelos (*T. chrysotricha*) na rua e no estacionamento. Pinheiros-do-brejo (uma das poucas coníferas que perde as folhas) próximos ao parque infantil. Nos caminhos, os trechos remanescentes da mata original são dominados pelo branquilha.

Parque Barigui

Perto da lanchonete à beira do lago, há um bosque de monjoleiros e chuvas-de-ouro. Entre a lanchonete e o centro gastronômico, os pinheiros-do-brejo possivelmente mais antigos da cidade chamam a atenção na paisagem. Nos estacionamentos predominam a tipuana, o cinamomo, o monjoleiro e o ipê-amarelo (*T. chrysotricha*). Às margens do rio Barigui, em frente ao museu do Automóvel a grande atração é uma linha de chorões.

Bosque Boa Vista (Dr. Martin Lutero)

Caaingás, imbuias, pitangueiras e um pinheiro torto. Provavelmente o maior araçazeiro da cidade. E raridades: três exemplares do cobiçado sassafrás.

Bosque de Portugal

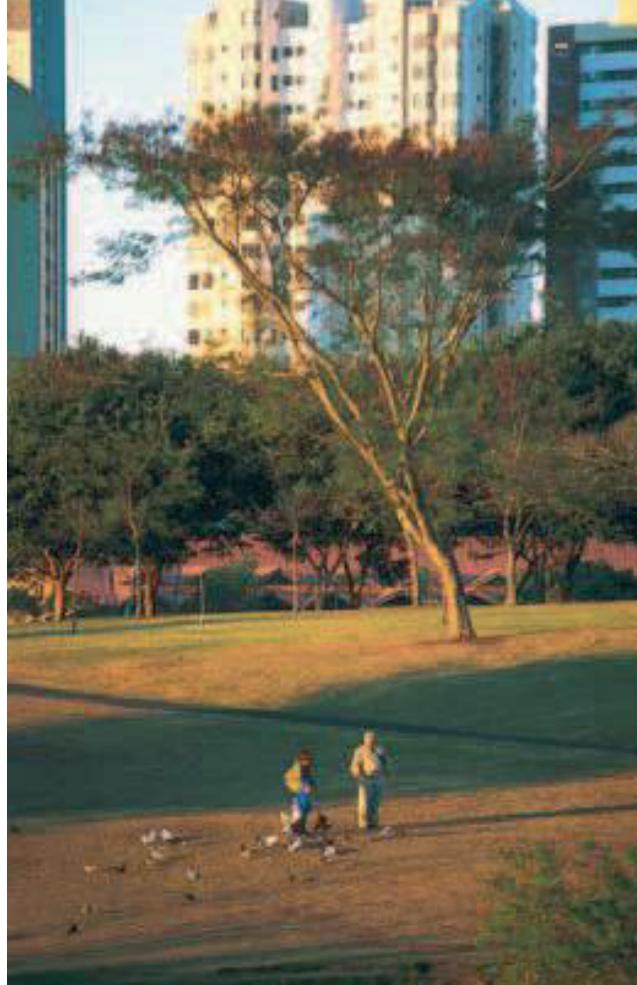
Ambiente típico de mata ciliar urbana, onde reina o branquilha, inclusive da variedade chamada "leiteirinho". Aroeiras, corticeiras e uma uva-do-japão quase dentro do rio.

Bosque Reinhard Maack

No lugar que homenageia o notável aventureiro e pesquisador, destacam-se a alameda de ciprestes na entrada e uma lateral de castanheiras-portuguesas.

Bosque do Capão da Imbuia

É onde funciona o Museu de História Natural. Fora da trilha que ilustra o Caminho das Araucárias, estão algumas das árvores mais velhas da cidade, com destaque para as imbuias e a canela-preta. Em torno dos muros há imbuias mais jovens e, no interior do bosque, belíssimas araucárias, canelas-guaicá, carobas, caaingás e pitangueiras, entre outras.



**Canafistula no Jardim Botânico:
nativa do oeste do Paraná**

Curiosidades de Curitiba

Desde 1982, o manacá (*Brunfelsia pauciflora*) é a flor-símbolo de Curitiba, no lugar da azaléia, que não era daqui. Nativo dos pinheirais, o manacá é uma arvoreta de flores roxas e brancas perfumadas, que lembra a quaresmeira.



Segundo a lei, ele deveria se destacar ornamentando ruas, parques, praças, ambientes de sessões solenes e adornar ramalhetes e cestos de flores oferecidos pela municipalidade. Só que não é fácil encontrar algum manacá. Este, ao lado, foi fotografado no Passeio Público, próximo à entrada da praça 19 de Dezembro.



A canela-preta (*Ocotea catharinensis*) na floresta do Museu de História Natural é um dos raríssimos exemplares dessa espécie, sobrevivente da mata nativa. Calculam que tenha uns quinhentos anos.



Na rua Chichorro Júnior, entre a Munhoz da Rocha e a Recife (Cabral) cresce um ipê-branco (*Tabebuia roseo-alba*), árvore pouco comum por aqui.



Ao contrário do que se imagina, e que acontece em outras cidades, o flamboyant não é usado na arborização de Curitiba devido ao clima. Mas dois corajosos desafiam o frio na rua Sete de Abril, entre Conselheiro Carrão e Simão Bolívar, no Alto da Glória.



A peroba-rosa (*Aspidosperma olivaceum*), típica do norte do Paraná, também não é muito vista pela cidade. Na rua Des. Otávio do Amaral, entre a Padre Agostinho e Cândido Hartmann (Bigorrião), encontram-se várias. Assim como na Augusto Stresser (Hugo Lange).



No Parque da Barreirinha, a grande eminência é o louro-pardo (*Cordia trichotoma*), bem na frente da guarita, a maior árvore do lado esquerdo de quem entra. Apesar de crescer rápido, está quase extinto devido à valiosa madeira-de-lei escura, das melhores que existem.



Um dos poucos representantes do pau-óleo (*Copaifera trapezifolia*) na cidade está ao lado do escritório do Horto Municipal da Barreirinha.



Perto das estações-tubo da praça 29 de Março e no Horto da Barreirinha existem dois raros exemplares do famoso jatobá (*Hymenaea courbaril*).



Em Curitiba, envolvidos em acidentes de trânsito às vezes tentam botar a culpa nas árvores e pedir indenização, ao invés de repor o seu valor. Em Maringá, p. ex., se uma árvore for atingida, uma tabela define o valor a pagar conforme seu porte, idade e a espécie.



Há poucos anos, uma árvore de plástico imitando uma palmeira foi instalada próxima à praça do Batel e provocou polêmica entre os passantes. Não derrubava folhas, mas também não colaborava em nada.



No bairro da Barreirinha várias ruas têm nome de árvores. Na dos Alfeneiros, p. ex., há alguns deles entre trechos sem nada e com outras espécies. Na das Paineiras existem duas, mas predominam ipês. Na das Acácias, os ipês são maioria contra apenas uma acácia. Na rua dos Ipês crescem ipês. E nas ruas das Oliveiras, Grevilhas, Alecrins, Cedros, Pinheiros, Eucaliptos e Monjoleiros, não há a menor sombra de nenhuma delas, e sim ipês a dar com os pés. Achou meio confuso?



O fenômeno se repete mais adiante, nas ruas dos Ingás, Mangueiras, Cerejeiras, Marfim, Jacarandá, Cedro, Nogueira, Imbuia, Peroba e Flamboyants. A exceção fica por conta da única canela-guaicá, na rua das Canelas. Muita gente ainda coça a cabeça e se pergunta por que teriam tais nomes.



De 1982 a 2000, Ângela Moraes, a Mãe Tuti, morou sob um pinheiro da praça Rui Barbosa, onde acolhia meninos de rua como se fossem filhos. Teve mais de 60 crianças, além de vários cachorros, antes de conseguir uma casa e escrever um livro, inédito.



Nos jardins botânicos de São Paulo e do Rio de Janeiro há “jardins dos sentidos”, idealizados para portadores de deficiências ou estudantes que, de olhos vendados (ou não), exploram as plantas através de sensações como a do tato e do olfato. Curitiba já teve uma iniciativa particular parecida, no bairro do Campo Comprido, ora desativada, e algumas empresas e órgãos municipais adotam essa curiosa prática educativa.

As protegidas pela lei

Para que certas árvores não acabem derrubadas, cortadas ou mutiladas, elas precisam ser tombadas. Atualmente, Curitiba tem 27 exemplares sob a guarda da prefeitura e 9 do estado, com idade média de 60 anos.

As participantes desse seletíssimo grupo são escolhidas de acordo com sua localização, porte, beleza, raridade, espécie, história ou relação com a comunidade. Algumas são nativas daqui, outras vieram com os primeiros imigrantes. Toda intervenção nelas deve ser autorizada pelas entidades que zelam por sua integridade.



Qualquer pessoa pode propor o tombamento de uma árvore. Basta escrever para a Secretaria Municipal do Meio Ambiente ou para a Curadoria do Patrimônio Natural da Secretaria de Estado da Cultura e fazer a sugestão, acompanhada de várias informações sobre a candidata.

Paineira do Bom Retiro: tombada pelo estado, é uma das árvores mais famosas da cidade

Tombadas pelo estado

Nome vulgar	Nome científico	Endereço	Quantidade
Monjoleiro	<i>Anadenanthera colubrina</i>	Praça da França	1
Corticeira	<i>Erythrina falcata</i>	R. Carmelo Rangel, 886	1
Paineira	<i>Ceiba speciosa</i>	Praça Gen. Werner H. Gross	1
Tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	R. D Pedro II com Presidente Taunay	1
Tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	Praça Santos Dumont	4
Ceboleira	<i>Phytolacca dioica</i>	R. Prof. Assis Gonçalves, 644	1

Preservadas pela prefeitura

Nome vulgar	Nome científico	Endereço	Quantidade
Paineira	<i>Ceiba speciosa</i>	R. Emílio Alexandrino da Silva	2
Castanha-portuguesa	<i>Castanea sativa</i>	R. Bom Jesus, 669	4
Paineira	<i>Ceiba speciosa</i>	R. Bom Jesus, 669	1
Araucária-australiana	<i>Araucaria bidwillii</i>	R. da Paz com Comendador Macedo	2
Tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	R. Padre Antônio, 125	1
Guapuruvu	<i>Schizolobium parahyba</i>	Praça Santos Andrade	1
Oliveira	<i>Olea europea</i>	Praça Santos Andrade	1
Nogueira	<i>Carya illinoensis</i>	Praça Didi Caillet	1
Pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	R. Cândido de Abreu (em frente à prefeitura)	1
Araucária	<i>Araucaria angustifolia</i>	Av. Manoel Ribas, 2727	1
Cedro-rosa	<i>Cedrela fissilis</i>	Praça Eufrásio Correia	1
Tamareira	<i>Phoenix dactylifera</i>	Praça Eufrásio Correia	2
Timbaúva	<i>Enterolobium contortisiliquum</i>	R. Carlos de Carvalho, 2053	1
Ipê-roxo	<i>Tabebuia heptaphylla</i>	R. Pe. Germano Mayer com 15 de Novembro	1
Carvalho-da-cortiça	<i>Quercus suber</i>	R. Bom Jesus, 665	1
Araucária	<i>Araucaria columnaris</i>	Praça Tiradentes	1
Pau-ferro	<i>Caesalpinia leiostachya</i>	Praça Tiradentes	1
Ipê-amarelo	<i>Tabebuia alba</i>	Praça Tiradentes	1
Guapuruvu	<i>Schizolobium parahyba</i>	R. Amintas de Barros (Teatro Guaíra)	1
Tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	R. Vicente Machado, 2356	1
Alecrim	<i>Holocalyx balansae</i>	R. Cel. Joaquim Sarmiento com Teffé	1



As recordistas da cidade

Aqui estão reunidos os principais recordes arbóreos de Curitiba. Na maioria dos casos, há certo consenso entre especialistas do ramo. Como em toda natureza, nada disso é definitivo: uma árvore pode passar o pé nas outras.

mais velha

Imbuia na floresta do Museu de História Natural, no Capão da Imbuia. Merecia um santuário e reverências diárias dos mortais. Assim como a das mulheres, é difícil precisar sua idade, mas pode passar dos mil anos.

mais alta

Costumam ser os eucaliptos. Até pouco tempo havia bem mais altos ao longo do muro do Hipódromo do Tarumã e no Cristo Rei. Agora, são dois do Passeio Público, na pequena ilha sobre o lago principal. Têm 30m de altura.

mais grossa

O eucalipto da avenida Nossa Senhora da Luz, esquina com Augusto Stresser, no Jardim Social. Está meio detonado, mas não perdeu a barriguinha: 1,86m de diâmetro.

maior copada

Aí o bicho pega. Há pelo menos três candidatas de topete: uma timbaúva no Passeio Público, em frente à Ilha dos Macacos, mais próxima à entrada pela Pres. Carlos Cavalcanti; uma tipuana, na praça Eufrásio Correia; e o guapuruvu da praça Santos Andrade.

maior flor

Magnólia-branca. É flor pra mais de metro, embora atinja 20cm.

maior pinheiro

O mais alto e mais grosso está num bosque no início da rua Augusto Steembock, a uma quadra da avenida do Trabalhador, no Uberaba. Tem nada mais nada menos que 28m de altura e 1,52m de diâmetro. A vizinhança também não é fraca: cinco pinheiros de 25m de altura e quase 1m de diâmetro.

mais bonita

Uma questão delicada. Eis algumas sugestões, para sua escolha: aroeira do bosque do Papa; corticeira da rua das Flores; paineira do Bom Retiro; guapuruvu da Santos Andrade; plátanos e jacarandás-mimosos do Passeio Público; magnólias da Inácio Lustosa; a que você vê da sua janela.

Imbuia no bosque do Museu de História Natural: a árvore mais velha da cidade

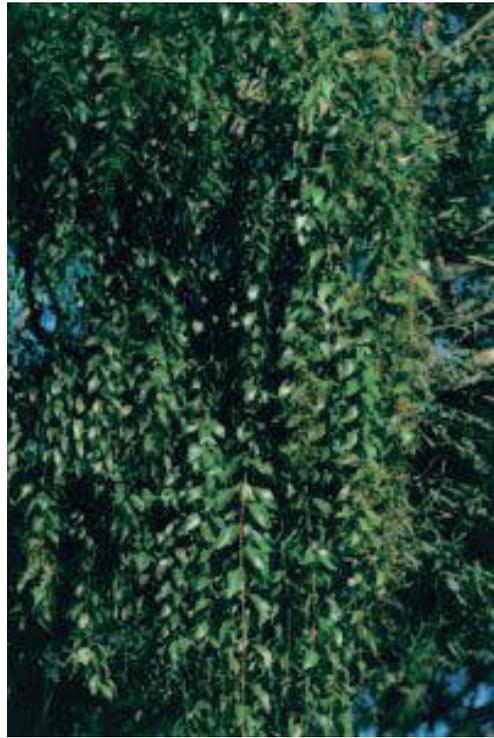
Pragas

Serrote, machados, motosserras, incêndios e vendavais não são as únicas ameaças à vida de uma árvore. Muitas outras se abrigam em seus galhos e vão sugando bem devagar sua seiva, na maior cara-de-pau, até enfraquecê-las de vez.

Desde pequena, a árvore convive com miríades de seres estranhos na casca: insetos, trepadeiras, fungos. Conforme o inseto, pode danificá-la ao se alimentar da madeira. Trepadeiras não roubam seiva, mas acabam tapando o sol e enfraquecendo sua hospedeira, e os fungos podem infectar alguns pontos fracos. Com a idade, a árvore fica menos resistente a esses ataques e vai cedendo pedaços de si aos intrusos, para continuar viva.

Uma das maiores ameaças à integridade física das árvores na cidade é uma trepadeira: a erva-de-passarinho. Tem esse nome porque as avezinhas comem seus frutos e plantam a praga nos galhos das árvores. Na verdade, há várias espécies chamadas assim. A erva-de-passarinho cria vigorosas raízes que atravessam a casca do hospedeiro e retiram dele seus nutrientes, podendo levá-lo à morte.

As espécies nativas são menos atingidas, mas o número de vítimas é elevado. Às vezes, o visual fica interessante, mas geralmente os ramos devem ser podados. Entre suas vítimas preferidas estão exóticas como o alfeneiro e o plátano.



Erva-de-passarinho: uma das pragas mais comuns nas árvores da cidade

O que nunca se faz com uma árvore

Não bastassem as pragas, existem os pregos, ganchos, arames e outras engenhocas, muitas vezes usadas para pendurar placas e sacos de lixo. Afixados no tronco, esses suportes deixam a árvore mais vulnerável aos ataques inimigos. Da mesma forma que cortar pedaços da casca.

Pintar de branco não ajuda em nada. Pelo contrário, as crostas de cal facilitam a proliferação de formigas e outros insetos. Além do gasto desnecessário, deixa a árvore com cara esquisita.

Cercar a árvore com cimento pode matá-la por falta de água ou estrangulamento. Uma poda malfeita é como ir ao barbeiro e cortar a cabeça ao invés do cabelo. Sem falar que acaba gerando pontos de apodrecimento. E remoção (ou poda em área pública), só com autorização dos órgãos competentes. Legal?

Árvores de outro mundo

Em 1925, o dr. Albert Einstein, pai da relatividade, visitou o Jardim Botânico, guiado pelo seu amável diretor, que descreveu as propriedades do jequitibá. Depois de ouvi-lo, Einstein abraçou a árvore gigantesca e beijou-a.

TRECHO DE "JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO", DE TOM JOBIM E ZECA ARAUJO.

Certos recantos da cidade são verdadeiras aulas de botânica, com representantes da flora nativa e espécies de várias procedências. Horto da Barreirinha, Jardim Botânico, Passeio Público, Museu de História Natural, por si sós bastam para deixar nas alturas quem gosta de árvores.

Agora, se você vive de olho em espécies das quais quase nunca ouvimos falar, vai ficar de queixo caído no arboreto da Embrapa, bem no km 111 da Estrada da Ribeira. Entre outras raridades, tem até jequitibás: do rosa e do branco.

Faz 25 anos que Paulo Ernani Ramalho Carvalho, autor de "Espécies Arbóreas Brasileiras" e pesquisador de espécies arbóreas não-tradicionais, ali cultiva uma singular coleção onde, além do ineditismo dos exemplares, sua procedência também significa muito.

Algo em torno de 3 mil adultos e 20 mil crianças já estiveram no arboreto, que conta com preciosidades como:

Mudas de sequóia-gigante (*Sequoiadendron giganteum*); sequóia (*Sequoia sempervirens*); cipreste-fúnebre (*Cupressus funebris*), trazido do túmulo de um imperador da dinastia Ming; pau-de-sangue (*Croton celtidifolius*), que tem as folhas velhas alaranjadas e solta um líquido vermelho quando ferido; pinus-do-afeganistão (*Pinus eldarica*), o primeiro pinheiro da Terra; carvalho-de-abraão (*Quercus calliprinus*), da Palestina; tuia (*Thuja occidentalis*); alnus-do-cáucaso (*Alnus subcordata*); acácia-mimosa (*Acacia melanoxylon*), da Tasmânia; freixo (*Fraxinus excelsior*); pistache (*Pistacia chinensis*); pinhola (*Pinus pinea*); sobreiro (*Quercus suber*); cedro-azul (*Pinus caribaea*); canforeira (*Cinnamomum camphora*); canela-de-rama (*Cinnamomum zeylanicum*); chá-da-índia (*Thea sinensis*); árvore-do-dinheiro (*Dilenia indica*) e o indefectível araticum-cagão (*Annona cacans*), que solta as tripas de quem exagerar.

Onde encontrar sua árvore

Chegou a hora de se falar em mudas. Se depois disso, você sentiu vontade de plantar alguma coisa em algum lugar, não se reprima. Existem vários viveiros florestais na cidade que fornecem mudas de graça ou bem baratinhas.

Embrapa

Dá destaque às espécies nativas. As mudas variam de 20 centavos a 1 real, pelo fone 666 1313, ramal 253.

IAP

Cerca de 40 espécies nativas a 10 centavos a muda, fone 213 3700, ramal 3409.

Universidade Federal do Paraná

Exóticas, que variam de 8 a 10 reais, e nativas a 3 reais, nos fones 551 1243 e 551 1116.

Projeto Pomarizar

A Fundação Estadual de Cidadania distribui mudas de árvores frutíferas nativas e, se for o caso, pode plantá-las na casa dos interessados, principalmente na periferia. Também fazem pomares nas escolas. E não custa nada. Fone 9138 6352 ou fecpomar@fec.org.br

Prefeitura Municipal

Somente para plantio em via pública. No telefone 156, pode-se fazer a solicitação e indicar a espécie, o que depende da disponibilidade e das demais árvores existentes no local. É grátis.

Como cuidar da sua muda

-  Tente saber o tamanho que a espécie escolhida atinge e guarde distância suficiente de calçadas, muros, meio-fios, cabos subterrâneos, canos de esgoto e fios de eletricidade.
-  Imagine a árvore crescida e se ela vai se dar bem no local.
-  Faça a cova de acordo com o volume da muda, retire o plástico protetor sem danificar as raízes e plante. Se for preciso, acrescente adubo orgânico e coloque uma estaca de madeira ou grade de proteção.
-  Regue diariamente, durante os primeiros dois meses, e depois quando o tempo estiver seco.

Bibliografia

- 1858, viagem pelo Paraná** - Robert Avé-Lallemont
- A sociedade nos campos de Curitiba na época da Independência** - Maria Lourdes Ritter, BRDE, 1982
- A viagem das sementes** - Paulo Ernani e Jorge Duarte, Embrapa, 2000
- Almanach do Paraná para 1900** - Terceiro Anno - Romário Martins
- Araucária: a floresta do Brasil meridional** - Zig Koch e Maria Celeste Corrêa. Olhar Brasileiro, 2002
- Araucarilândia - F. C. Hoehne**, Secretaria da Agricultura, Ind. e Comercio do Estado de São Paulo, 1930.
- Arborização das ruas de Curitiba** - Guia Prático para a Identificação das Espécies - Carlos Vellozo Roderjan e Murilo Lacerda Barddal, Fupef PR, 1998
- Arborização de vias públicas: ambiente x vegetação** - Nara Rejane Zamberlan dos Santos e Italo Filippi Teixeira, Clube da Árvore, Souza Cruz
- Árvores** - David Burnie, Editora Globo
- Árvores brasileiras** - H. Lorenzi, Plantarum, 1998
- Árvores do Paraná** - João Angely, Instituto Paranaense de Botânica, nº 4, 1957
- Árvores do Sul** - Paulo Backes e Bruno Irgang, Clube da Árvore, Souza Cruz
- Árvores e madeiras úteis do Brasil**. C. T. Rizzini, Edgard Blücher, 1978
- As moradas da Senhora da Luz** - Ruy Christovam Wachowicz, 1993, Vicentina
- Avaliação e análise da arborização de ruas de Curitiba** - Miguel Serediuck Milano, 1984
- Avaliação monetária e de conscientização pública sobre arborização urbana** - Aplicação Metodológica à Situação de Maringá PR - Valmir Augusto Detzel, 1993
- Boletim de bens tombados - Árvores**, Estado do Paraná, 1992
- Boletim do Instituto Historico e Geographico do Paraná** - 2 de dezembro de 1925
- Botânica, introdução à taxonomia vegetal**, Universidade de São Paulo, 1966
- Catálogo exposição Curitiba, tempo & caminhos**, Prefeitura Municipal de Curitiba, 1993
- Ciência divertida - árvores e folhas** - Rosie Harow e Gareth Morgan, Melhoramentos
- Coisas da cidade - crônicas de Evaristo Biscaia**, coleção Farol do Saber, 1996
- Como a natureza funciona** - David Burnie, ed Globo, 1994
- Conhecer as árvores** - Bernard Fischesser, Publicações Europa-América, 1981
- Curiosidades naturais da provincia do paraná** - Visconde de Taunay, 1890, Revista Trimensal do Instituto Histórico
- Curitiba - 300 anos de memória oficial e real** - Vários autores
- Curitiba 1900** - Valério Hoerner Junior
- Curitiba da minha saudade 1904/14** - América da Costa Sabóia
- Curitiba e as comemorações do seu 250º Aniversário**, 1943 - Prefeitura Municipal, Serviço de Divulgação
- Curitiba que o meu tempo guardou** - Mário Marcondes de Albuquerque, 1989
- Curitiba. Origens, fundação, nome** - Arqueologia de Curitiba - Igor Chmyz, Boletim Informativo da Casa Romário Martins, v 21, nº 105, junho 1995
- Curityba de outrora e de hoje** - Alfredo Romário Martins. Edição da Pref. Mun. Ctba Comemorativa da Independência do Brasil
- Do Jardim Botânico ao Passeio Público** - as aventuras de um logradouro público - Aparecida Vaz Silva, Maria Helena Costa Rigotto, Sílvia Maria Rodrigues da Silva, graduação em História, 1989
- Enciclopédia Barsa**, Enciclopaedia Britannica do Brasil, 1972
- Erva-de-passarinho na arborização urbana: Passeio Público de Curitiba, um estudo de caso** - Emílio Rotta, 2001

Espécies florestais brasileiras. Recomendações silviculturais, potencialidades e uso da madeira - P. E. Carvalho, Embrapa, 1994

Fitofisionomia e notas sobre a vegetação para acompanhar a planta fitogeográfica do município de Curitiba e arredores - Roberto M. Klein e Gerdt Hatschbach, Instituto de Geologia, UFPR, 1962

Flora ilustrada catarinense - Herbário Barbosa Rodrigues

Geografia física do estado do Paraná - Reinhard Maack, 2ª edição, 1968/1981

Guia dos curiosos - Brasil - Marcelo Duarte, Cia das Letras

História do Paraná - Romário Martins, 1907, ed 1935

História do Paraná, vol 2 - Aspectos interessantes da vegetação do Paraná - Ralph João G. Hertel, Grafipar

Imagens da evolução de Curitiba - Otávio Duarte e Luiz Antonio Guinski, 2002

Jardim Botânico do Rio de Janeiro - Tom Jobim e Zeca Araujo, Expressão e Cultura, 1989

Linha vermelha, Curitiba - pegadas da memória - Maria Luíza Nascimento Mendonça, 1991

Livro das árvores do Paraná - Romário Martins, Diretório Reg. de Geografia do Estado do Paraná, 1944

Manual Curitiba, a cidade em suas mãos - Eduardo Fenianos, Urbenauta

Memória da Curitiba urbana - Escola de Urbanismo Ecológico do IPPUC, v.8, 1992

O centro histórico de Curitiba: sua formação - tentativa de localização de seus moradores 1668-1853 - Edilberto Trevisan

O grande livro internacional das selvas e árvores - Mitchell Beazley, Art Editora, 1981

Páginas curitibanas - Maria Nicolas, 1º volume, 1973

Palmeiras no Brasil - H. Lorenzi, H. M. Souza, J. T. Medeiros Costa, L. S. Costa, N. von Behr, Plantarum, 1996

Pequeno manual de arborização urbana - Eleutério Langowski, Instituto Ambiental do Paraná, 1997

Projeto madeira do Paraná - M. T. Inoue, C. V. Roderjan, Y. S. Kuniyoshi, Fupef, 1984

Semeando Iras Rumo ao Progresso - Magnus R. de Mello Pereira, UFPR

So sprachen sie... Reconstruindo memórias da Escola Alemã - Regina Maria Schimmelpfeng de Souza - monografia do curso de História Universidade Tuiuti do Paraná

Sugestões sobre a arborização de Curitiba - Dirceu de Lacerda, 1938, Empresa Grafica Paranaense

Ticuna - O Livro das Árvores, Global, 1999

Viagem a Curitiba e província de Santa Catarina - Auguste de Saint-Hilaire, Itatiaia, 1978

Viagem através do Brasil, vol 7 - Paraná - Ariosto Espinhosa, Melhoramentos

Jornal A Gazeta do Povo

Jornal O Estado do Paraná

Jornal Diário de Coimbra

Revista Panorama

Revista Veja

Revista Vida Simples

Agradecimentos especiais

Dr. Gerdt G. Hatschbach

Dona Gilka; Hans Kösteke; Jaime L. Cobalchini; Paulo Ernani R. Carvalho;
Thadeu Wojciechowski; Ale; Roberto L. Salgueiro; Dona Olga Kolody;
Rosana Albuquerque; José Tadeu Motta; prof^a. Yoshiko S. Kuniyoshi;
Ubiratan Cardoso; Hélio Leites; Juliana Burigo; Francisco R. Cominese;
Ana C. Medeiros; Andrea P. Patiño; Claudia Parelladas; Denise L. Morais;
Fátima Padilha; Filomena Hammerschmidt; Gleusa Salomon; Karina Ernsen;
Lai Pereira; prof. Luis A. Biasi; prof. Nilton J. de Sousa; Macaxêra;
Marianne Scheffer; Osmar S. Ribas; Poliane; Raquel Jordão;
Regina Rodrigues

Biblioteca Pública do Paraná; Casa da Memória; Jardim Botânico;
Horto da Barreirinha; Universidade Federal do Paraná;
Secretaria Municipal do Meio Ambiente; Museu de História Natural;
Arquivo Público do Paraná; Universidade Livre do Meio Ambiente;
Círculo de Estudos Bandeirante; Pontifícia Universidade Católica do Paraná;
Museu Paranaense; Instituto Ambiental do Paraná;
Instituto Histórico e Geográfico; Instituto Goethe; Servopa;
Jornal Gazeta do Povo; Jornal O Estado do Paraná



Palmeira exótica
na praça Eufrásio Correia

arvorecwb@yahoo.com.br

Identificação das espécies:
Carlos Vellozo Roderjan
Murilo Lacerda Barddal

Produção Gráfica:
Café Design

SINOPSE

Você saberia dizer o nome da árvore que fica em frente à sua casa ou aquela que passa despercebida em seu caminho diário? E quanto à árvore mais antiga ou mais alta de Curitiba? Essas perguntas, que muitos de nós não sabemos responder, inspiraram o jornalista e redator publicitário curitibano Francisco Cardoso a criar o livro “Árvores de Curitiba”. Com o objetivo de resgatar o conhecimento sobre esses seres essenciais à nossa existência, Cardoso afirma: “Sem elas, não seríamos nada, nem estaríamos aqui... Elas nos acompanham do berço ao túmulo.” Fruto de mais de um ano de trabalho e publicado em 2004, a obra conta com a colaboração de especialistas como Carlos Vellozo Roderjan e Gerdt Hatschbach, e fotos de Zig Koch. O livro revela curiosidades, como a imbuia milenar no Capão da Imbuia, os eucaliptos de 30 metros no Passeio Público, e destaca o ipê-amarelo como a árvore natural mais cultivada em Curitiba, adaptada ao clima frio e florindo no inverno, segundo Gerdt Hatschbach. Uma leitura que convida a prestar atenção e respeito a essas testemunhas silenciosas da nossa cidade.

O AUTOR

O autor é jornalista e publicitário e autor do roteiro de curta-metragem “A Rainha do Lar”.

Avalie nosso projeto.



ISBN 978-65-5422-099-6



MINISTÉRIO DA
CULTURA

